

Papa Francisco



Angelus - Regina Caeli **2024**

Editado por 



PAPA FRANCISCO

ANGELUS - REGINA CÆLI 2024

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Angelus - Regina Cæli» do Papa Francisco, inserem-se meditações pronunciadas pelo Santo Padre dirigidas aos fiéis aglomerados na Praça de S. Pedro.

No presente *epub* recolhem-se essas meditações, com início em 1 de Janeiro de 2024.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

SOLENI DADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

57º DIA MUNDIAL DA PAZ

ANGELUS

Praça São Pedro

Segunda-feira, 1º de janeiro de 2024

Estimados irmãos e irmãs, feliz Ano Novo!

Neste dia, em que celebramos Maria Santíssima Mãe de Deus, coloquemos sob o seu olhar atento o novo tempo que nos é dado. Que Ela nos ampare neste ano!

Hoje, o Evangelho revela-nos que a grandeza de Maria não consiste em realizar alguma ação extraordinária; pelo contrário, enquanto os pastores, tendo recebido o anúncio dos anjos, se apressam em direção a Belém (cf. *Lc* 2, 15-16), Ela permanece em silêncio. *O silêncio da Mãe* é uma característica bela. Não é uma simples ausência de palavras, mas um silêncio cheio de admiração e adoração pelas maravilhas que Deus está a realizar. «Maria - observa São Lucas - guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração» (2, 19). Deste modo, ela abre espaço dentro de si para Aquele que nasceu; no silêncio e na adoração, coloca Jesus no centro e testemunha-O como Salvador. Maria, a Mãe do silêncio; Maria, a Mãe da adoração.

Assim, é Mãe não só porque carregou Jesus no seu seio e o deu à luz, mas porque o traz à luz, sem ocupar o seu lugar. Ela permanecerá em silêncio também sob a cruz, na hora mais escura, e continuará a dar-lhe lugar e a gerá-lo para nós. Um religioso e poeta do século XX escreveu: «Virgem, catedral do silêncio / [...] fazes entrar a nossa carne no paraíso / e Deus na carne» (D.M. TUROLDO, *Laudario alla Vergine. «Via pulchritudinis»*, Bolonha 1980, 35). *Catedral do silêncio*: é uma bela imagem. Com o seu silêncio e a sua humildade, Maria é a primeira “catedral” de Deus, o lugar onde Ele e o homem se podem encontrar.

Mas também as nossas mães, com o seu cuidado escondido, com o seu carinho, são muitas vezes magníficas catedrais de silêncio. Elas trazem-nos ao mundo e depois continuam a seguir-nos, muitas vezes inobservadas, para podermos crescer. Lembremo-nos disto: o amor nunca sufoca, o amor abre espaço ao outro. O amor faz-nos crescer.

Irmãos e irmãs, no início do novo ano, olhemos para Maria e, com o coração grato, pensemos e olhemos também para as mães, para aprender aquele amor que se cultiva sobretudo no silêncio, que sabe dar espaço ao outro, respeitando a sua dignidade, deixando a liberdade de se exprimir, rejeitando todas as formas de posse, de opressão e de violência. Há tanta necessidade disto hoje, tanta! Tanta necessidade de silêncio para nos ouvirmos uns aos outros. Como recorda a Mensagem para o Dia Mundial da Paz de hoje: «A liberdade e a convivência pacífica são ameaçadas quando os seres humanos cedem à tentação do egoísmo, do interesse próprio, da ânsia de lucro e da sede de poder». O amor, ao contrário, é feito de respeito e gentileza: assim, derruba barreiras e ajuda a viver relações fraternas, a construir sociedades mais justas, mais humanas e mais pacíficas.

Rezemos hoje à Santa Mãe de Deus e nossa Mãe, para que no novo ano possamos crescer neste amor suave, silencioso e discreto que gera vida, e abrir caminhos de paz e reconciliação no mundo.

SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

ANGELUS

Praça São Pedro

Sabado, 6 de janeiro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom dia e boa festa!

Hoje celebramos a Epifania do Senhor, ou seja, a sua manifestação a todos os povos, personificados pelos Magos (cf. *Mt 2, 1-12*). São sábios buscadores que, depois de se terem deixado interrogar pela aparição de uma estrela, se põem a caminho e chegam a Belém. Aí encontram Jesus, «com Maria, sua mãe», prostram-se e oferecem-lhe «ouro, incenso e mirra» (v. 11).

Sábios que reconhecem a presença de Deus num Menino simples: não num príncipe ou num nobre, mas num filho de gente pobre, e prostram-se diante dele, adorando-o. A estrela conduziu-os até ali, diante de um Menino; e eles, nos seus olhos pequenos e inocentes, captam a luz do Criador do universo, a cuja busca dedicaram a sua existência.

É a experiência decisiva para eles e importante também para nós: no Menino Jesus, vemos Deus feito homem. Por isso, olhemos para ele, admiremos a sua humildade. Contemplar Jesus, estar diante dele, adorá-lo na Eucaristia: não é perder tempo, mas é dar sentido ao tempo. Adorar não é perder tempo, mas dar sentido ao tempo. Isto é importante, repito: adorar não é perder tempo, mas dar sentido ao tempo. É encontrar o rumo da vida na simplicidade de um silêncio que alimenta o coração.

E encontremos também tempo para olhar para as crianças, como os Magos olham para Jesus: os pequeninos que também nos falam de Jesus, com a sua confiança, a sua espontaneidade, a sua admiração, a sua sã curiosidade, a sua capacidade de chorar e de rir com simplicidade, de sonhar. Deus fez-se assim: Menino, confiante, sincero, amante da vida (cf. *Sb 11, 26*). Se estivermos diante do Menino Jesus e na companhia das

crianças, aprenderemos a admirar-nos e recomeçaremos de modo mais simples e melhor, como os Magos. E saberemos ter um olhar novo, um olhar criativo sobre os problemas do mundo.

Então, perguntemo-nos: durante estes dias, parámos para adorar, demos espaço a Jesus em silêncio, rezando diante do presépio? Passámos algum tempo com as crianças, conversando e brincando com elas? E, por fim, somos capazes de ver os problemas do mundo com o olhar das crianças?

Que Maria, Mãe de Deus e nossa, aumente o nosso amor pelo Menino Jesus e por todas as crianças, especialmente pelas que são provadas por guerras e injustiças.

FESTA DO BATISMO DO SENHOR

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 7 de janeiro de 2024

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos o Batismo do Senhor (cf. *Mc* 1, 7-11). Ele tem lugar no rio Jordão, onde João — por isso chamado “Batista” — realiza um rito de purificação, que exprime o compromisso de abandonar o pecado e de se converter. O povo vai para ser batizado com humildade, com sinceridade e, como reza a Liturgia, “com a alma e os pés descalços”, e Jesus também vai para lá, inaugurando o seu ministério: mostra assim que quer estar ao lado dos pecadores, que veio para eles, para todos nós que somos pecadores!

E nesse mesmo dia acontecem coisas extraordinárias. João Batista diz algo de insólito, reconhecendo publicamente em Jesus, aparentemente igual a todos os outros, um «maior» (v. 7) do que ele, que vai «batizar no Espírito Santo» (v. 8). Então os céus abrem-se, o Espírito Santo desce sobre Jesus em forma de pomba (cf. v. 10) e, do alto, a voz do Pai proclama: «Tu és o meu Filho muito amado: em ti pus toda a minha complacência» (v. 11).

Tudo isto, se por um lado nos revela que Jesus é o Filho de Deus, por outro lado fala-nos do nosso Batismo, que nos tornou por nossa vez filhos de Deus, porque o Batismo nos torna filhos de Deus.

O Batismo é Deus que entra em nós, purifica, cura o nosso coração, faz de nós seus filhos para sempre, seu povo, sua família, herdeiros do Paraíso (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1279). E Deus torna-se íntimo de nós e nunca nos abandona. Por isso é importante recordar o dia do Batismo e também saber a data. Pergunto a todos vós — cada um pense nisto — “Lembro-me da data do meu Batismo”? Se não vos lembrais, quando voltardes para casa, perguntai para que nunca mais a esqueçais, pois é um novo aniversário, porque com o vosso Batismo nascestes para a vida da

graça. Agradecei ao Senhor pelo Batismo. E também demos graças pelos pais que nos levaram à pia batismal, por aqueles que nos administraram o Sacramento, pelo padrinho, pela madrinha, pela comunidade em que o recebemos. Celebrar o Batismo: é um novo aniversário!

E podemos perguntar-nos: tenho consciência do imenso dom que trago dentro de mim através do Batismo? Reconheço, na minha vida, a luz da presença de Deus, que me vê como seu filho amado, como sua filha amada? E agora, em memória do nosso Batismo, acolhamos a presença de Deus em nós. Podemos fazê-lo com o sinal da cruz, que traça em nós a memória da graça de Deus, que nos ama e deseja estar connosco. O sinal da cruz recorda-nos isto. Façamo-lo juntos: *em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

E não esqueçamos a data do Batismo, que é um aniversário. Maria, templo do Espírito, nos ajude a celebrar e a colher as maravilhas que o Senhor realiza em nós.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 14 de janeiro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho de hoje apresenta o encontro de Jesus com os primeiros discípulos (cf. *Jo* 1, 35-42). Esta cena convida-nos a recordar o nosso primeiro encontro com Jesus. Cada um de nós teve o seu primeiro encontro com Jesus: quando era criança, adolescente, jovem, adulto, adulta... Quando encontrei Jesus pela primeira vez? Podemos fazer uma recapitulação. E depois deste pensamento, desta recordação, renovar a alegria de o seguir e perguntarmo-nos: que significa ser discípulo de Jesus? Segundo o Evangelho de hoje, podemos considerar três palavras: *procurar Jesus, viver com Jesus, anunciar Jesus*.

Primeiro, *procurar*. Dois discípulos, graças ao testemunho do Batista, começaram a seguir Jesus e ele, «percebendo que o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?”» (v. 38). Estas são as primeiras palavras que Jesus lhes dirige: antes de mais, convida-os a olhar para dentro de si mesmos, a interrogarem-se sobre os desejos que trazem no coração. “Que procurais?” O Senhor não quer prosélitos, não quer “*followers*” superficiais, o Senhor quer pessoas que se questionem e se deixem interpelar pela sua Palavra. Por isso, para ser discípulo de Jesus, é preciso antes de mais procurá-lo, ter um coração aberto e perscrutador, não um coração saciado ou satisfeito.

O que procuravam os primeiros discípulos? Vemo-lo através do segundo verbo: *morar*. Não procuram notícias ou informações sobre Deus, nem sinais ou milagres, mas desejam encontrar-se com o Messias, falar com ele, estar com ele, ouvi-lo. Qual é a primeira pergunta que fazem: «Onde moras?» (v. 38). E Cristo convida-os a estar com ele: «Vinde ver» (v. 39). Estar com Ele, permanecer com Ele, é a atitude mais importante para o discípulo do Senhor. A fé, em síntese, não é uma teoria, não, é um encontro,

é ir ver onde mora o Senhor e permanecer com Ele. Encontrar o Senhor e habitar com Ele.

Procurar, morar e, por fim, *anunciar*. Os discípulos procuraram Jesus, depois foram com ele e ficaram com ele toda a noite. E agora anunciar. Regressam e anunciam. Procuram, moram, anunciam. Procuo Jesus? Moro em Jesus? Tenho a coragem de anunciar Jesus? Aquele primeiro encontro com Jesus foi uma experiência tão forte que os dois discípulos recordam para sempre a hora: «Eram quase quatro horas da tarde» (v. 39). Isto mostra a força daquele encontro. E os seus corações estavam tão cheios de alegria que sentiram imediatamente a necessidade de comunicar o dom que tinham recebido. De facto, um deles, André, apressou-se a partilhá-lo com o seu irmão, Pedro, conduzindo-o ao Senhor. Procurai o Senhor, ficai com Ele.

Irmãos e irmãs, também nós comemoramos hoje o nosso primeiro encontro com o Senhor. Cada um de nós teve o seu primeiro encontro, quer na família, quer fora dela... Quando encontrei o Senhor? Quando tocou o Senhor o meu coração? E perguntamo-nos: somos ainda discípulos apaixonados pelo Senhor, procuramos o Senhor, ou instalámo-nos numa fé feita de hábitos? Moramos com Ele na oração, sabemos estar em silêncio com Ele? Sei estar em oração com o Senhor, estar em silêncio com Ele? E depois sentimos o desejo de partilhar, de proclamar esta beleza do encontro com o Senhor?

Que Maria Santíssima, a primeira discípula de Jesus, nos conceda o desejo de O procurar, de estar com Ele e de O anunciar.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 28 de janeiro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje apresenta-nos Jesus que liberta uma pessoa possuída por um “espírito maligno” (cf. *Mc* 1, 21-28), que a atormentava e continuava a fazê-la gritar (cf. vv. 23.26). É isto que o demónio faz: quer possuir para “nos acorrentar a alma”. Acorrentar-nos a alma: é o que o demónio quer. E nós devemos estar atentos às “correntes” que sufocam a nossa liberdade. Pois o demónio tira-nos a liberdade, sempre. Procuremos, então, dar nomes a algumas dessas correntes que podem agrilhoar o nosso coração.

Penso nos vícios, que nos tornam escravos, sempre insatisfeitos, e devoram energias, bens e afetos; penso nas modas dominantes, que nos empurram para um perfeccionismo impossível, no consumismo e no hedonismo, que mercantilizam as pessoas e estragam as relações. E outras correntes: há as tentações e os condicionamentos que minam a autoestima, a serenidade, a capacidade de escolher e amar a vida; outra corrente: o medo, que faz olhar para o futuro com pessimismo, e a impaciência, que atribui sempre a culpa aos outros; e há ainda a corrente muito má: a idolatria do poder, que gera conflitos e recorre a armas que matam ou faz uso da injustiça económica e da manipulação do pensamento. Quantas correntes há na nossa vida!

E Jesus veio para nos libertar de todas essas correntes. E hoje, perante o desafio do demónio que lhe grita: «Que queres [...]? Vieste para nos arruinar?» (v. 24), ele responde: «Cala-te! Sai dele!» (v. 25). Jesus tem o poder de expulsar o demónio. Jesus liberta do poder do mal. Mas atenção: ele expulsa o demónio, mas não conversa com ele! Jesus nunca conversou com o demónio; e quando foi tentado no deserto, as suas respostas foram palavras da Bíblia, nunca um diálogo. Irmãos e irmãs, com o demónio não

há diálogo! Cuidado: com o demónio não há diálogo, porque se dialogarmos com ele, ele ganha, sempre. Cuidado!

O que fazer então quando nos sentimos tentados e oprimidos? Negociar com o demónio? Não, não se negocia com ele. É preciso invocar Jesus: invocá-lo ali, onde sentimos as correntes do mal e do medo apertarem com mais força. O Senhor, com a força do seu Espírito, quer repetir também hoje ao maligno: “Afasta-te, deixa esse coração em paz, não dividas o mundo, as famílias, as comunidades; deixa-as viver em paz, para que nelas floresçam os frutos do meu Espírito, não os teus - diz Jesus - para que entre elas reine o amor, a alegria, a mansidão, e em vez de violência e gritos de ódio haja liberdade e paz”.

Perguntemo-nos então: quero realmente libertar-me dessas correntes que prendem o meu coração? E depois, será que sei dizer “não” às tentações do mal, antes que elas se insinuem na minha alma? Por fim, invoco Jesus, deixo-o agir em mim, curar-me interiormente?

Que a Virgem Santíssima nos proteja do mal.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 4 de fevereiro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da Liturgia mostra-nos Jesus em movimento: com efeito, Ele acaba de pregar e, tendo saído da sinagoga, vai a casa de Simão Pedro, onde cura a sogra; depois, ao cair da tarde, sai de novo à porta da cidade, onde encontra muitos doentes e possessos e cura-os; na manhã seguinte, levanta-Se cedo e retira-se para rezar; por fim, põe-Se de novo a caminho através da Galileia (cf. *Mc* 1, 29-39). Jesus em movimento.

Detenhamo-nos neste movimento contínuo de Jesus, que nos diz *algo importante sobre Deus* e, ao mesmo tempo, nos interpela com *algumas perguntas* sobre a nossa fé.

Jesus que sai ao encontro da humanidade ferida mostra-nos o rosto do Pai. É possível que dentro de nós ainda exista a ideia de um Deus distante, frio, indiferente ao nosso destino. O Evangelho, pelo contrário, mostra-nos que Jesus, depois de ter ensinado na sinagoga, sai para que a Palavra que anuncia possa chegar, tocar e curar as pessoas. Ao fazê-lo, revela-nos que Deus não é um mestre distante que nos fala do alto; pelo contrário, é um Pai cheio de amor que se aproxima, que visita as nossas casas, que quer salvar e libertar, curar de todos os males do corpo e do espírito. Deus está sempre próximo de nós. A atitude de Deus pode ser expressa em três palavras: proximidade, compaixão e ternura. Deus que se aproxima para nos acompanhar, terno, e para nos perdoar. Não vos esqueçais disto: proximidade, compaixão e ternura. É esta a atitude de Deus.

Este caminhar incessante de Jesus interpela-nos. Podemos interrogar-nos: descobrimos o rosto de Deus como Pai de misericórdia, ou acreditamos e proclamamos um Deus frio, distante? A fé dá-nos a inquietação do caminho ou é para nós uma consolação íntima que nos deixa tranquilos?

Rezamos apenas para nos sentirmos em paz, ou a Palavra que ouvimos e pregamos leva-nos também, como Jesus, a ir ao encontro dos outros para difundir a consolação de Deus? É bom que nos interroguemos sobre estas questões.

Olhemos, então, para o caminho de Jesus e recordemos que o nosso primeiro trabalho espiritual é este: abandonar o Deus que julgamos conhecer e converter-nos diariamente ao Deus que Jesus nos apresenta no Evangelho, que é o Pai do amor e o Pai da compaixão. O Pai que é próximo, compassivo e terno. E quando descobrimos o verdadeiro rosto do Pai, a nossa fé amadurece: deixamos de ser “cristãos de sacristia”, ou “cristãos de salão”, mas sentimo-nos chamados a ser portadores da esperança e da cura de Deus.

Que Maria Santíssima, Mulher a caminho, nos ajude a anunciar e a testemunhar o Senhor próximo, compassivo e terno.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 11 de fevereiro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje apresenta-nos a cura de um leproso (cf. *Mc* 1, 40-45). Ao doente, que o suplica, Jesus responde: «Eu quero, fica limpo!» (v. 41). Pronuncia uma frase muito simples, que põe logo em prática. De facto, «imediatamente a lepra o deixou e ficou limpo» (v. 42). É este o estilo de Jesus com aqueles que sofrem: poucas palavras e factos concretos.

Muitas vezes, no Evangelho, vemo-lo comportar-se assim com os que sofrem: surdos-mudos (cf. *Mc* 7, 31-37), paráliticos (cf. *Mc* 2, 1-12) e muitos outros necessitados (cf. *Mc* 5). Ele faz sempre assim: fala pouco e as palavras são imediatamente seguidas de ações: inclina-se, pega pela mão, cura. Não se prolonga em discursos ou interrogatórios, muito menos em pietismos e sentimentalismos. Pelo contrário, mostra a delicada modéstia de quem escuta com atenção e age com solicitude, de preferência sem dar nas vistas.

É uma forma maravilhosa de amar, e como é bom que a imaginemos e a assimilemos! Pensemos também em quando encontramos pessoas que se comportam assim: sóbrias nas palavras, mas generosas nas ações; relutantes em exhibir-se, mas prontas a tornar-se úteis; eficazes na ajuda porque estão dispostas a ouvir. Amigos e amigas aos quais se pode dizer: “Queres ouvir-me?”, “Queres ajudar-me?”, com a confiança de ouvir uma resposta, quase com as palavras de Jesus: “Sim, quero, estou aqui para ti, para te ajudar!”. Esta concretude é ainda mais importante num mundo, como o nosso, em que parece ganhar terreno uma virtualidade evanescente das relações.

Escutemos, pelo contrário, como nos provoca a Palavra de Deus: «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos”,

mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes serve isso?» (Tg 2, 15-16). É isto que diz o apóstolo Tiago. O amor precisa de concretidade, o amor precisa de presença, o amor precisa de um encontro, o amor precisa de tempo e de espaço dados: não pode ser reduzido a palavras bonitas, a imagens num ecrã, a selfies de um momento ou a mensagens apressadas. São instrumentos úteis, que podem ajudar, mas não são suficientes para o amor, não podem substituir a presença concreta.

Perguntemo-nos hoje: sou capaz de escutar as pessoas, estou disponível para os seus bons pedidos? Ou invento desculpas, procrastino, escondo-me atrás de palavras abstratas e inúteis? Concretamente, quando foi a última vez que fui visitar uma pessoa sozinha ou doente - cada um responda no seu coração - ou quando foi a última vez que mudei os meus planos para ir ao encontro das necessidades de quem me pediu ajuda?

Maria, solícita no cuidado, nos ajude a sermos prontos e concretos no amor.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 18 de fevereiro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, primeiro domingo da Quaresma, o Evangelho apresenta-nos Jesus tentado no deserto (cf. *Mc* 1, 12-15). Diz o texto: «Permaneceu quarenta dias no deserto, tentado por Satanás». Também nós, na Quaresma, somos convidados a “entrar no deserto”, isto é, no silêncio, no mundo interior, na escuta do coração, no contacto com a verdade. No deserto - acrescenta o Evangelho de hoje - Cristo «estava com as feras e os anjos serviam-no» (v. 13). Os feras e os anjos eram a sua companhia. Mas, em sentido simbólico, são também a nossa companhia: quando entramos no deserto interior, de facto, podemos encontrar aí feras e anjos.

Feras. Em que sentido? Na vida espiritual, podemos pensar nelas como as paixões desordenadas que dividem o coração, procurando possuí-lo. Elas sugestionam-nos, parecem seduzir-nos. Elas atraem-nos, parecem cativantes, mas, se não tomarmos cuidado, há o risco que nos destroem. Podemos dar nomes a estas “feras” da alma: os vários vícios, a ambição da riqueza, que nos aprisiona no cálculo e na insatisfação, a vaidade do prazer, que nos condena ao desassossego e à solidão, e ainda a avidez da fama, que gera insegurança e uma necessidade constante de confirmação e de protagonismo - não esqueçamos estas coisas que podemos encontrar dentro de nós: a ambição, a vaidade e a avidez. São como feras “selvagens” e, como tal, devem ser domadas e combatidas: caso contrário, devorarão a nossa liberdade. E a Quaresma ajuda-nos a entrar no deserto interior para corrigir estas coisas.

E depois, no deserto, estavam os *anjos*. Eles são os mensageiros de Deus, que nos ajudam, nos fazem bem; de facto, a sua característica, segundo o Evangelho, é o serviço (cf. v. 13): exatamente o contrário da posse, típica das paixões. Serviço contra a posse. Os espíritos angélicos

suscitam os bons pensamentos e sentimentos sugeridos pelo Espírito Santo. Enquanto as tentações nos dilaceram, as boas inspirações divinas unem-nos e fazem-nos entrar na harmonia: tranquilizam o coração, incutem o gosto de Cristo, “o sabor do Céu”. E para captar a inspiração de Deus, é preciso entrar no silêncio e na oração. E a Quaresma é o tempo para fazer isto.

Podemos perguntar-nos: em primeiro lugar, quais são as paixões desordenadas, as “feras selvagens” que se agitam no meu coração? Em segundo lugar, para deixar que a voz de Deus fale ao meu coração e o mantenha no bem, estou a pensar em retirar-me um pouco para o “deserto”, procuro dedicar-lhe durante o dia um espaço para isto?

Que a Virgem Santa, que guardou a Palavra e não se deixou tocar pelas tentações do maligno, nos ajude no nosso caminho de Quaresma.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 25 de fevereiro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste segundo domingo da Quaresma apresenta-nos o episódio da Transfiguração de Jesus (cf. *Mc* 9, 2-10).

Depois de ter anunciado a sua paixão aos discípulos, Jesus leva consigo Pedro, Tiago e João, sobe a uma alta montanha e ali manifesta-se fisicamente em toda a sua luz. Assim, revela-lhes o significado do que tinham vivido juntos até àquele momento. A pregação do Reino, o perdão dos pecados, as curas e os sinais realizados eram, de facto, centelhas de uma luz maior: a luz de Jesus, a luz que é Jesus. E desta luz os discípulos nunca mais devem desviar o olhar, sobretudo nos momentos de provação, como os já próximos da Paixão.

Eis a mensagem: *nunca mais desviar os olhos da luz de Jesus*. Um pouco como faziam antigamente os agricultores que, ao lavrar os campos, fixavam o olhar num ponto preciso à sua frente e, mantendo os olhos fixos na meta, traçavam sulcos retos. É isto que nós, cristãos, somos chamados a fazer no caminho da vida: ter sempre diante dos olhos o rosto resplandecente de Jesus, nunca desviar os olhos de Jesus.

Irmãos e irmãs, abramo-nos à luz de Jesus! Ele é amor, Ele é vida sem fim. Ao longo dos caminhos da existência, por vezes tortuosos, procuremos o seu rosto, cheio de misericórdia, de fidelidade, de esperança. Ajudam-nos a fazê-lo a oração, a escuta da Palavra e os Sacramentos: a oração, a escuta da Palavra e os Sacramentos ajudam-nos a manter o olhar fixo em Jesus. E este é um bom objetivo para a Quaresma: cultivar olhares abertos, tornarmo-nos “buscadores de luz”, buscadores da luz de Jesus na oração e nas pessoas.

Perguntemo-nos então: no meu caminho, mantenho o olhar fixo em Cristo que me acompanha? E, para o fazer, dou lugar ao silêncio, à oração, à adoração? Por fim, procuro cada raio de luz de Jesus, que se reflete em mim e em cada irmão e irmã que encontro? E lembro-me de agradecer ao Senhor por isto?

Maria, resplandecente com a luz de Deus, nos ajude a manter o olhar fixo em Jesus e a olharmo-nos uns aos outros com confiança e amor.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 3 de março de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho mostra-nos uma cena dura: Jesus expulsa os vendilhões do templo (cf. *Jo* 2, 13-25), Jesus afasta os mercadores, derruba as bancas dos cambistas e admoesta todos, dizendo: «Não façais da casa de meu Pai um mercado» (v. 16). Detenhamo-nos um pouco no contraste entre casa e mercado: são, de facto, dois modos diferentes de estar diante do Senhor.

No templo entendido como mercado, para estar bem com Deus, bastava comprar um cordeiro, pagá-lo e consumi-lo sobre as brasas do altar. *Comprar, pagar, consumir*, e depois cada um na própria casa. No templo, por outro lado, entendido como casa, acontece o contrário: vai-se ao encontro do Senhor, para estar junto dele, estar junto dos irmãos, para partilhar alegrias e tristezas. Mais uma vez: no mercado joga-se com o preço, em casa não se calcula; no mercado procura-se o próprio interesse, em casa dá-se de graça. E Jesus hoje é duro porque não aceita que o *templo-mercado* tome o lugar do *templo-casa*, não aceita que a relação com Deus seja distante e comercial em vez de próxima e confiante, não aceita que os balcões de venda tomem o lugar da mesa familiar, que os preços tomem o lugar dos abraços e as moedas tomem o lugar das carícias. E por que razão Jesus não aceita isto? Porque assim se cria uma barreira entre Deus e o homem, entre irmão e irmão, ao passo que Cristo veio trazer a comunhão, trazer a misericórdia, isto é, perdão, proximidade.

O convite de hoje, também para o nosso caminho quaresmal, é o de fazer em nós e à nossa volta *mais casa e menos mercado*. Antes de mais, em relação a Deus: rezando muito, como filhos que batem incansavelmente e com confiança à porta do Pai, e não como comerciantes mesquinhos e desconfiados. Portanto, primeiro, rezando. E depois, difundindo a

fraternidade: é necessária tanta fraternidade! Pensemos no silêncio incómodo, isolado, por vezes até hostil, que encontramos em tantos lugares. Perguntemo-nos então: antes de mais, como é a minha oração? É um preço a pagar ou é o momento do abandono confiante, em que não olho para o relógio? E como são as minhas relações com os outros? Sei dar sem esperar a compensação? Sei dar o primeiro passo para abater os muros do silêncio e as lacunas da distância? Devemos fazer estas perguntas a nós próprios.

Que Maria nos ajude a “fazer casa” com Deus, entre nós e à nossa volta.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 10 de março de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste quarto domingo da Quaresma, o Evangelho apresenta-nos a figura de Nicodemos (cf. *Jo* 3, 14-21), fariseu, «um dos chefes dos judeus» (*Jo* 3, 1). Ele viu os sinais que Jesus realizava, reconheceu nele um mestre enviado por Deus e foi ao seu encontro de noite, para não ser visto. O Senhor acolheu-o, dialogou com ele e revelou-lhe que não tinha vindo para condenar, mas para salvar o mundo (cf. v. 17). Detenhamo-nos a refletir sobre isto: *Jesus não veio para condenar, mas para salvar*. É belo!

Muitas vezes, no Evangelho, vemos Cristo revelar as intenções das pessoas que encontra, por vezes desmascarando as suas atitudes falsas, como no caso dos fariseus (cf. *Mt* 23, 27-32), ou fazendo-as refletir sobre a desordem da sua vida, como no caso da Samaritana (cf. *Jo* 4, 5-42). Perante Jesus não há segredos: Ele lê no coração, no coração de cada um de nós. E esta capacidade pode ser perturbadora porque, se for mal utilizada, prejudica as pessoas, expondo-as a julgamentos sem misericórdia. Pois ninguém é perfeito, todos somos pecadores, todos erramos, e se o Senhor usasse o conhecimento das nossas fraquezas para nos condenar, ninguém poderia salvar-se.

Mas não é assim. Pois ele não o utiliza para nos apontar o dedo, mas para abraçar a nossa vida, para nos libertar dos pecados e para nos salvar. Jesus não está interessado em julgar-nos nem em submeter-nos a sentenças; Ele não quer que nenhum de nós se perca. O olhar do Senhor sobre cada um de nós não é um farol ofuscante que nos deslumbra e nos coloca em dificuldade, mas o brilho suave de uma lâmpada amiga, que nos ajuda a ver o que há de bom em nós e a apercebermo-nos do que há de mau, para nos convertermos e curarmos com o apoio da sua graça.

Jesus não veio para condenar, mas para salvar o mundo. Pensemos em nós, que tantas vezes condenamos os outros; tantas vezes gostamos de coscuvilhar, de procurar mexericos contra os outros. Peçamos ao Senhor que nos conceda a todos este olhar de misericórdia, de olhar para os outros como Ele olha para todos nós.

Que Maria nos ajude a desejar o bem uns dos outros.

SOLENIDADE...

57º DIA MUNDIAL DA PAZ

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 17 de março de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, quinto domingo da Quaresma, enquanto nos aproximamos da Semana Santa, Jesus diz-nos algo de importante no Evangelho (cf. *Jo* 12, 20-33): que na Cruz veremos a sua glória e a do Pai (cf. vv. 23.28).

Mas como é possível que a glória de Deus se manifeste precisamente ali, na Cruz? Poder-se-ia pensar que isto acontece na ressurreição, não na cruz, que é uma derrota, um fracasso! Pelo contrário, hoje Jesus, falando da sua paixão, diz: «Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado» (v. 23). O que nos quer dizer?

Quer dizer-nos que a glória, para Deus, não corresponde ao sucesso humano, à fama ou à popularidade; a glória, para Deus, não tem nada de autorreferencial, não é uma exibição grandiosa de poder seguida de aplausos do público. Para Deus, a glória é amar até ao ponto de dar a vida. Glorificar-se, para ele, significa doar-se, tornar-se acessível, oferecer o seu amor. E isto aconteceu de forma culminante na Cruz, precisamente ali, onde Jesus manifestou ao máximo o amor de Deus, revelando plenamente o seu rosto de misericórdia, dando-nos a vida e perdoando os seus crucificadores.

Irmãos e irmãs, da Cruz, “cátedra de Deus”, o Senhor ensina-nos que a verdadeira glória, aquela que nunca tem fim e que nos torna felizes, é feita de dom e perdão. Dom e perdão são a essência da glória de Deus. E são para nós o caminho da vida. Dom e perdão: critérios muito diferentes dos que vemos à nossa volta, e também em nós, quando pensamos na glória como algo a receber e não a dar; como algo a possuir e não a oferecer. Não,

a glória mundana passa e não deixa alegria no coração; nem conduz ao bem de todos, mas à divisão, à discórdia, à inveja.

Assim, podemos perguntar-nos: qual é a glória que desejo para mim, para a minha vida, que sonho para o meu futuro? A de impressionar os outros com as minhas proezas, as minhas capacidades, as coisas que possuo? Ou o caminho do dom e do perdão, o caminho de Jesus Crucificado, o caminho de quem não se cansa de amar, confiante de que isto testemunha Deus no mundo e faz resplandecer a beleza da vida? Que glória quero eu para mim? Pois recordemos que, quando doamos e perdoamos, a glória de Deus resplandece em nós. Precisamente nisto: quando doamos e perdoamos.

A Virgem Maria, que seguiu Jesus com fé na hora da Paixão, nos ajude a ser reflexos vivos do amor de Jesus.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo de Ramos, 24 de março de 2024

Expresso a minha proximidade à comunidade de San José de Apartadó, na Colômbia, onde há poucos dias foram assassinados uma moça e um rapaz. Esta comunidade foi premiada em 2018 como exemplo de compromisso pela economia solidária, a paz e os direitos humanos. E asseguro as minhas orações pelas vítimas do vil atentado terrorista perpetrado anteontem à noite em Moscovo. Que o Senhor as receba na sua paz e conforte as suas famílias. Que Ele converta o coração daqueles que planeiam, organizam e realizam estas ações desumanas, ofendendo Deus que ordenou: «Não matarás» (Êx 20, 13). Saúdo todos vós, fiéis de Roma e peregrinos provenientes de vários países. Saúdo de modo particular a delegação da cidade de San Remo, que este ano, fiel a uma tradição de quatro séculos, ofereceu os ramos de palmeira entrelaçados para esta celebração. Obrigado, habitantes de San Remo! Que o Senhor vos abençoe. Queridos irmãos e irmãs, Jesus entrou em Jerusalém como um Rei humilde e pacífico: abramos-lhe o coração! Só Ele pode libertar-nos da inimizade, do ódio e da violência, porque Ele é a misericórdia e o perdão dos pecados. Rezemos por todos os nossos irmãos e irmãs que sofrem por causa da guerra; penso de modo especial na martirizada Ucrânia, onde tantas pessoas se encontram sem eletricidade, devido aos intensos ataques contra as infraestruturas que, além de causar morte e sofrimento, comportam o risco de uma catástrofe humanitária ainda maior. Por favor, não esqueçamos a martirizada Ucrânia! E pensemos em Gaza, que sofre tanto, e em muitos outros lugares de guerra. E agora dirijamo-nos em oração à Virgem Maria: aprendamos com Ela a permanecer ao lado de Jesus durante os dias da Semana Santa, para chegarmos à alegria da Ressurreição.

REGINA CAELI

Praça São Pedro

segunda-feira do Anjo, 1 de abril de 2024

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e feliz Páscoa!

Hoje, segunda-feira da Oitava da Páscoa, o Evangelho (cf. Mt 28, 8-15) mostra-nos a alegria das mulheres pela ressurreição de Jesus: elas, diz o texto, saíram do sepulcro com «grande alegria» e «correram a dar a notícia aos discípulos» (v. 8). Esta alegria, que nasce precisamente do encontro vivo com o Ressuscitado, é uma emoção transbordante, que as impele a difundir e a contar o que viram.

Compartilhar a alegria é uma experiência maravilhosa, que se aprende desde a mais tenra idade: pensemos no jovem que tira uma boa nota na escola e não vê a hora de a mostrar aos pais, ou no jovem que obtém os seus primeiros sucessos desportivos, ou numa família em que nasce uma criança. Procuremos recordar, cada um de nós, um momento tão feliz que era até difícil expressá-lo com palavras, mas que quisemos contar imediatamente a todos!

Eis que as mulheres, na manhã de Páscoa, vivem esta experiência, mas de modo muito maior. Porquê? Porque a ressurreição de Jesus não é apenas uma notícia maravilhosa ou o final feliz de uma história, mas algo que muda completamente a nossa vida, transformando-a para sempre! É a vitória da vida sobre a morte, é a ressurreição de Jesus! É a vitória da esperança sobre o desânimo. Jesus rompeu a escuridão do sepulcro e vive para sempre: a sua presença pode encher tudo de luz. Com Ele, cada dia torna-se a etapa de um caminho eterno, cada “hoje” pode esperar num “amanhã”, cada fim um novo começo, cada instante é projetado para além dos limites do tempo, rumo à eternidade.

Irmãos e irmãs, a alegria da Ressurreição não é algo distante. Está muito perto, é nossa porque nos foi oferecida no dia do nosso Batismo. Desde

então, também nós, como as mulheres, podemos encontrar o Ressuscitado e Ele, como elas, diz-nos: «Não tenhais medo!» (v. 10). Irmãos e irmãs, não renunciemos à alegria da Páscoa!

Mas como alimentar esta alegria? Como fizeram as mulheres: encontrando o Ressuscitado, pois Ele é a fonte de uma alegria que nunca se esgota. Apressemos-nos a procurá-lo na Eucaristia, no seu perdão, na oração e na caridade vivida! Quando é compartilhada, a alegria aumenta. Compartilhemos a alegria do Ressuscitado!

E a Virgem Maria, que na Páscoa se alegrou com o seu Filho ressuscitado, nos ajude a ser suas alegres testemunhas.

SOLENIIDADE...

57º DIA MUNDIAL DA PAZ

REGINA CAELI

Praça São Pedro

Domingo, 7 de abril de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, segundo domingo de Páscoa, intitulado por São João Paulo II à Divina Misericórdia, o Evangelho (cf. *Jo* 20, 19-31) diz-nos que, acreditando em Jesus, Filho de Deus, podemos ter a vida eterna em seu nome (v. 31). “Ter a vida”: o que significa isto? Todos nós queremos ter a vida, mas há várias maneiras de o fazer. Por exemplo, há quem reduza a existência a uma corrida frenética para gozar e possuir muitas coisas: comer e beber, divertir-se, acumular dinheiro e coisas, experimentar emoções fortes e novas, etc. É um caminho que, à primeira vista, parece agradável, mas que não sacia o coração. Não é assim que se “tem a vida”, porque seguir os caminhos do prazer e do poder não conduz à felicidade. Muitos aspetos da existência permanecem sem resposta, como o amor, as experiências inevitáveis da dor, a limitação e a morte. E depois fica por realizar o sonho que nos une a todos: a esperança de viver para sempre, de ser amados sem fim. O Evangelho de hoje diz que esta plenitude de vida, a que cada um de nós é chamado, se realiza em Jesus: é Ele que nos dá a plenitude da vida. Mas como aceder a ela, como experimentá-la? Vejamos o que aconteceu com os discípulos no Evangelho. Eles estão a viver o momento de vida mais trágico: depois dos dias da Paixão, estão fechados no Cenáculo, assustados e desanimados. O Ressuscitado aparece-lhes e mostra-lhes primeiro as suas chagas (cf. v. 20): eram sinais de sofrimento e de dor, podiam suscitar sentimentos de culpa, mas com Jesus tornam-se canais de misericórdia e de perdão. Assim os discípulos veem e tocam com as mãos que com Jesus a vida vence, sempre, a morte e o pecado são derrotados. E recebem o dom do seu Espírito, que lhes dá uma vida nova, de *filhos amados*, imbuídos de alegria, de amor e de esperança. Pergunto-

vos uma coisa: tendes esperança? Que cada um se pergunte: como está a minha esperança? Eis como “ter a vida” todos os dias: basta fixar o olhar em Jesus crucificado e ressuscitado, encontrá-Lo nos Sacramentos e na oração, reconhecê-Lo presente, acreditar n’Ele, deixar-se tocar pela sua graça e guiar pelo seu exemplo, experimentar a alegria de amar como Ele. Cada encontro com Jesus, um encontro vivo com Ele, permite-nos ter mais vida. Procurar Jesus, deixarmo-nos encontrar - porque Ele nos procura! - abrir o nosso coração ao encontro com Jesus. Mas perguntemo-nos: acredito no poder da ressurreição de Jesus, acredito que Jesus ressuscitou? Acredito na sua vitória sobre o pecado, o medo e a morte? Deixo-me atrair pela relação com o Senhor, com Jesus? E deixo-me impelir por ele a amar os irmãos e irmãs e a ter esperança todos os dias? Que cada um reflita sobre isto. Maria nos ajude a ter uma fé cada vez maior em Jesus ressuscitado para “ter a vida” e difundir a alegria da Páscoa.

REGINA CAELI

Praça São Pedro

III Domingo de Páscoa, 14 de abril de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia, bom domingo!

Hoje o Evangelho reconduz-nos à noite de Páscoa. Os apóstolos estão reunidos no cenáculo, quando os dois discípulos regressam de Emaús e contam o seu encontro com Jesus. E enquanto eles exprimem a alegria da sua experiência, o Ressuscitado aparece a toda a comunidade. Jesus chega *precisamente no momento em que eles estão a contar a história do seu encontro com Ele*. Isto faz-me pensar que é bom partilhar, que é importante partilhar a fé. Esta história faz-nos pensar na importância de partilhar a fé em Jesus ressuscitado.

Todos os dias somos bombardeados por mil mensagens. Muitas são superficiais e inúteis, outras revelam uma curiosidade indiscreta ou, pior ainda, são fruto de bisbilhotices e maldades. São notícias que não servem para nada, de facto, magoam. Mas também há notícias boas, positivas e construtivas, e todos sabemos como é bom ouvir coisas boas, e como nos sentimos melhor quando isto acontece. E também é bom partilhar as realidades que, no bem ou no mal, tocaram a nossa vida, para que possamos ajudar os outros.

No entanto, há uma coisa de que muitas vezes temos dificuldade de falar. Temos dificuldade de falar do quê? Da coisa mais bela que temos para contar: *o nosso encontro com Jesus*. Cada um de nós encontrou o Senhor e tem dificuldade de falar sobre isto. Cada um de nós poderia dizer muito sobre isto: ver como o Senhor nos tocou, e partilhá-lo: não querendo ser um mestre para os outros, mas partilhando os momentos únicos em que percebemos o Senhor vivo e próximo, que acendeu a alegria nos nossos corações ou enxugou as nossas lágrimas, que transmitiu confiança e consolação, força e entusiasmo, ou perdão, ternura. Estes encontros, que cada um de nós teve com Jesus, devem ser partilhados e transmitidos. É

importante fazê-lo na família, na comunidade, com os amigos. Assim como é bom falar das boas inspirações que nos guiaram na vida, dos bons pensamentos e sentimentos que tanto nos ajudam a ir em frente, também dos esforços e trabalhos que fazemos para compreender e progredir na vida de fé, talvez até para nos arrependermos e voltar atrás. Se o fizermos, Jesus, tal como fez com os discípulos de Emaús na noite de Páscoa, surpreender-nos-á e tornará os nossos encontros e os nossos ambientes ainda mais belos.

Procuremos, pois, recordar agora um momento forte da nossa vida, um encontro decisivo com Jesus. Cada um de nós já o teve, todos tivemos um encontro com o Senhor. Façamos um pouco de silêncio e pensemos: quando foi que encontrei o Senhor? Quando foi que o Senhor se tornou próximo de mim? Pensemos em silêncio. E esse encontro com o Senhor, partilhei-o para glorificar o Senhor? E também, ouvi os outros quando me falaram desse encontro com Jesus?

Que Nossa Senhora nos ajude a partilhar a nossa fé para que as nossas comunidades sejam cada vez mais lugares de encontro com o Senhor.

REGINA CAELI

Praça São Pedro

IV Domingo de Páscoa, 21 de abril de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Este domingo é dedicado a Jesus Bom Pastor. No Evangelho de hoje (cf. *Jo* 10, 11-18), Jesus diz: «O bom pastor *dá a sua vida* pelas ovelhas» (v. 11) e insiste neste aspeto, a ponto de o repetir três vezes (cf. vv. 11.15.17). Mas em que sentido, pergunto-me, o pastor *dá a vida* pelas ovelhas?

Ser pastor, sobretudo no tempo de Cristo, não era apenas uma profissão, era uma vida inteira: não se tratava de ter uma ocupação com horários, mas de partilhar todo o dia, e também as noites, com as ovelhas, de viver - gostaria de dizer - em simbiose com elas. De facto, Jesus explica que não é um mercenário, que não se preocupa com as ovelhas (cf. v. 13), mas aquele que as conhece (cf. v. 14): Ele conhece as ovelhas. Assim, Ele, o Senhor, pastor de todos nós, conhece-nos, a cada um de nós, chama-nos pelo nome e, quando nos desviamos, procura-nos até nos encontrar (cf. *Lc* 15, 4-5). Mais: Jesus não é apenas um bom pastor que partilha a vida do rebanho; Jesus é o Bom Pastor, que sacrificou a sua vida por nós e, ressuscitado, nos deu o seu Espírito.

É isto que o Senhor nos quer dizer com a imagem do Bom Pastor: não só que Ele é o guia, o chefe do rebanho, mas sobretudo que Ele pensa em cada um de nós, e pensa em nós como no amor da sua vida. Pensemos nisto: eu sou importante para Cristo, Ele pensa em mim, sou insubstituível, valho o preço infinito da sua vida. E isto não é uma maneira de dizer: Ele deu verdadeiramente a sua vida por mim, morreu e ressuscitou por mim. Porquê? Porque me ama e encontra em mim uma beleza que muitas vezes não consigo ver. Ir

mãos e irmãs, quantas pessoas hoje se consideram inadequadas ou até erradas! Quantas vezes pensamos que o nosso valor depende dos objetivos

que conseguimos alcançar, do sucesso aos olhos do mundo, dos juízos dos outros! E quantas vezes acabamos por nos deixarmos levar por coisas pequenas! Hoje, Jesus diz-nos que valemos muito para Ele, e sempre. Por isso, para nos redescobrirmos, a primeira coisa a fazer é colocarmo-nos na sua presença, deixarmo-nos acolher e elevar pelos braços amorosos do nosso Bom Pastor.

Irmãos e irmãs, perguntemo-nos então: posso encontrar um momento em cada dia para abraçar a certeza que dá valor à minha vida? Sei encontrar um momento de oração, de adoração, de louvor, para estar na presença de Cristo e deixar que Ele me acaricie? Irmão, irmã, o Bom Pastor diz-nos que, se o fizeres, redescobrirás o segredo da vida: lembrar-te-ás de que Ele deu a Sua vida por ti, por mim, por todos nós. E que todos somos importantes para Ele, todos e cada um de nós.

Que Nossa Senhora nos ajude a encontrar em Jesus o essencial para viver.

REGINA CAELI

Praça São Pedro

VI Domingo de Páscoa, 5 de maio de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho fala-nos de Jesus que diz aos Apóstolos: “Já não vos chamo servos, mas amigos” (cf. *Jo* 15, 15). O que significa isto?

Na Bíblia, os “servos” de Deus são pessoas especiais, a quem Ele confia missões importantes, como por exemplo Moisés (cf. *Ex* 14, 31), o rei David (cf. *2 Sm* 7, 8), o profeta Elias (cf. *1 Rs* 18, 36), até à Virgem Maria (cf. *Lc* 1, 38). São pessoas em cujas mãos Deus coloca os seus tesouros (cf. *Mt* 25, 21). Mas tudo isto não basta, segundo Jesus, para dizer quem somos para Ele, não é suficiente, é preciso mais, é preciso algo maior, que vai para além dos bens e dos próprios projetos: é preciso a amizade.

Já em crianças aprendemos como é bela esta experiência: aos amigos oferecemos os nossos brinquedos e os presentes mais bonitos; depois, à medida que crescemos, como adolescentes, confidenciamos-lhes os nossos primeiros segredos; como jovens oferecemos lealdade; como adultos partilhamos satisfações e preocupações; como idosos partilhamos as recordações, as considerações e os silêncios de dias longos. A Palavra de Deus, no Livro dos Provérbios, diz-nos que «o perfume e o incenso alegram o coração, e o conselho do amigo adoça a alma» (27, 9). Pensemos por um momento nos nossos amigos, nas nossas amigas, e agradeçamos ao Senhor! Um espaço para pensar neles...

A amizade não é o resultado de um cálculo, nem de uma obrigação: ela surge espontaneamente quando reconhecemos no outro algo de nós próprios. E, se for verdadeira, a amizade é tão forte que não esmorece nem sequer perante a traição. «Um amigo ama sempre» (*Pr* 17,17) - diz ainda o Livro dos Provérbios -, como nos mostra Jesus quando diz a Judas, que o trai com um beijo: «Amigo, é por isso que estás aqui!» (*Mt* 26, 50). Um

verdadeiro amigo não te abandona, nem sequer quando cometes um erro: corrige-te, talvez te repreenda, mas perdoa-te e não te abandona.

E hoje Jesus, no Evangelho, diz-nos que para Ele nós somos precisamente isto, amigos: pessoas queridas, para além de qualquer mérito e expectativa, a quem estende a mão e oferece o seu amor, a sua Graça, a sua Palavra; com quem - conosco, amigos - partilha o que lhe é mais caro, tudo o que ouviu do Pai (cf. *Jo 15, 15*). Até ao ponto de se tornar frágil por nós, de se colocar nas nossas mãos sem defesas e sem pretensões, porque nos ama. O Senhor ama-nos, como amigo quer o nosso bem e quer que participemos do seu.

Perguntemo-nos então: que rosto tem o Senhor para mim? O rosto de um amigo ou de um desconhecido? Sinto-me amado por Ele como uma pessoa querida? E qual é o rosto de Jesus que eu testemunho aos outros, especialmente àqueles que erram e precisam de perdão?

Que Maria nos ajude a crescer na amizade com o seu Filho e a difundi-la à nossa volta.

REGINA CAELI

Praça São Pedro

VII Domingo de Páscoa, 12 de maio de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

E agora gostaria de desejar um feliz Domingo aos jovens de Génova!

Hoje, em Itália e noutros países, celebra-se a Solenidade da Ascensão do Senhor. O Evangelho da Missa afirma que Jesus, depois de ter confiado aos Apóstolos a tarefa de continuar a sua obra, «foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus» (Mc 16, 19). Assim diz o Evangelho: «Foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus».

O regresso de Jesus ao Pai não se apresenta como um afastar-se de nós, mas antes como um preceder-nos na nossa meta, que é o Céu. Como quando, na montanha, se sobe em direção a um cume: caminha-se, com dificuldade, e finalmente, numa curva do caminho, o horizonte abre-se e vê-se o panorama. Então, todo o corpo encontra forças para enfrentar a subida final. Todo o corpo - braços, pernas e todos os músculos - se esforça e se concentra para chegar ao cume.

E nós, a Igreja, somos precisamente aquele corpo que Jesus, tendo subido ao céu, arrasta consigo como que numa “subida de grupo”. É Ele que nos desvenda e comunica, com a sua Palavra e a graça dos Sacramentos, a beleza da Pátria para a qual estamos a caminho. Assim, também nós, seus membros - somos membros de Jesus -, subimos alegremente com Ele, nossa cabeça, sabendo que o passo de um é o passo de todos, e que ninguém se deve perder ou ficar para trás, porque somos um só corpo (cf. Cl 1, 18; 1 Cor 12, 12-27).

Ouçamos bem: passo a passo, degrau após degrau, Jesus mostra-nos o caminho. Que etapas a percorrer são essas? O Evangelho de hoje diz: “Anunciai o Evangelho, batizai, expulsai os demónios, enfrentai as

serpentes, curai os doentes” (cf. *Mc* 16, 16-18); em suma, praticai as obras do amor: dai vida, trazei esperança, afastai-vos de toda a maldade e mesquinhez, respondei ao mal com o bem, estai próximos dos que sofrem. Este é o “passo a passo”. E quanto mais fizermos assim, quanto mais nos deixarmos transformar pelo Espírito, mais seguiremos o seu exemplo, e mais, como nas montanhas, sentiremos o ar à nossa volta tornar-se leve e limpo, o horizonte amplo e a meta próxima, as palavras e os gestos tornam-se bons, a mente e o coração alargam-se, respiram.

Então podemos perguntar-nos: está vivo em mim o desejo de Deus, o desejo do seu amor infinito, da sua vida que é a vida eterna? Ou estou um pouco estagnado e ancorado nas coisas passageiras, ou no dinheiro, ou no sucesso, ou nos prazeres? E o meu desejo do Céu, isola-me, fecha-me, ou leva-me a amar os irmãos com um espírito grande e desinteressado, a sentir que são meus companheiros no caminho para o Paraíso?

Que Maria nos ajude, ela que já chegou à meta, a caminhar juntos com alegria para a glória do Céu.

SOLENI DADE DE PENTECOSTES

REGINA CAELI

Praça São Pedro

Domingo, 19 de maio de 2024

Queridos irmãos e irmãs, feliz festa de Pentecostes, bom dia!

Hoje, solenidade de Pentecostes, celebramos a descida do Espírito Santo sobre Maria e os Apóstolos. No Evangelho da liturgia, Jesus fala do Espírito Santo e diz que Ele nos ensina “tudo o que ouviu” (cf. Jo 16, 13). Mas o que significa esta expressão? O que ouviu o Espírito Santo? De que nos fala Ele?

Fala-nos com palavras que exprimem sentimentos maravilhosos, como o afeto, a gratidão, a confiança, a misericórdia. Palavras que nos dão a conhecer uma relação bela, luminosa, concreta e duradoura como é o Amor eterno de Deus: as palavras que o Pai e o Filho dizem um ao outro. São precisamente as palavras transformadoras do amor, que o Espírito Santo repete em nós, e que é bom ouvirmos, porque estas palavras fazem nascer e crescer no nosso coração os mesmos sentimentos e propósitos: são palavras fecundas.

Por isso é importante que nos alimentemos diariamente das Palavras de Deus, das Palavras de Jesus, inspiradas pelo Espírito. E muitas vezes eu digo: ler um trecho do Evangelho, ter um Evangelho pequeno, de bolso, e levá-lo connosco, aproveitando os momentos favoráveis. O padre e poeta Clemente Rebora, falando da sua conversão, escreveu no seu diário: «E a Palavra silenciou a minha tagarelice!» (*Curriculum vitae*). A Palavra de Deus silencia a nossa tagarelice superficial e faz-nos dizer palavras sérias, palavras belas, palavras jubilosas. «E a Palavra silenciou a minha tagarelice». A escuta da Palavra de Deus faz silenciar a tagarelice. É assim que damos espaço em nós à voz do Espírito Santo. E depois na Adoração - não esqueçamos a oração de adoração em silêncio – especialmente a

simples, silenciosa, como é a adoração. E aí dizer boas palavras dentro de nós, dizê-las ao nosso coração para que as possamos dizer aos outros, depois, uns para os outros. E assim vemos que elas vêm da voz do Consolador, do Espírito.

Queridos irmãos e irmãs, ler e meditar o Evangelho, rezar em silêncio, proferir boas palavras, não são coisas difíceis, não, todos nós as podemos fazer. São mais fáceis do que insultar, zangar-se... E então perguntemo-nos: que lugar têm estas palavras na minha vida? Como posso cultivá-las, para me pôr melhor à escuta do Espírito Santo e tornar-me um eco dele para os outros?

Que Maria, presente no Pentecostes com os Apóstolos, nos torne dóceis à voz do Espírito Santo.

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 2 de junho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, em Itália e noutros países, celebra-se a solenidade de *Corpus Christi*. O Evangelho da liturgia narra a Última Ceia (Mc 14, 12-26), durante a qual o Senhor realiza um gesto de entrega: de facto, no pão partido e no cálice oferecido aos discípulos, é Ele mesmo que se entrega por toda a humanidade e se oferece pela vida do mundo. Naquele gesto de Jesus que parte o pão, há um aspeto importante que o Evangelho sublinha com as palavras “*deu-lho*” (v. 22). Fixemos no nosso coração estas palavras: *deu-lho*. A Eucaristia, de facto, recorda antes de mais a dimensão do dom. Jesus toma o pão não para o consumir sozinho, mas para o partir e o dar aos discípulos, revelando assim a sua identidade e a sua missão. Ele não reteve a vida para si mesmo, mas deu-a a nós; não considerou o seu ser como Deus um tesouro cioso, mas despojou-se da sua glória para partilhar a nossa humanidade e deixar-nos entrar na vida eterna (cf. Fl 2, 1-11). De toda a sua vida, Jesus fez um dom. Recordemos isto: de toda a sua vida, Jesus fez um dom. Compreendamos, pois, que celebrar a Eucaristia e comer este Pão, como fazemos especialmente aos domingos, não é um ato de culto desligado da vida ou um mero momento de consolação pessoal; devemos sempre recordar que Jesus tomou o pão, partiu-o e deu-lho e, por isso, a comunhão com Ele torna-nos capazes de nos fazermos também nós pão partido para os outros, capazes de partilhar o que somos e o que temos. São Leão Magno dizia: «A nossa participação no corpo e no sangue de Cristo não tende a outra coisa senão a tornar-nos aquilo que comemos» (*Sermão XII sobre a Paixão*, 7). É a isto, irmãos e irmãs, que somos chamados: a tornarmo-nos aquilo que comemos, a tornarmo-nos “eucarísticos”, isto é, pessoas que já não vivem para si mesmas (cf. Rm 14, 7), na lógica da posse e do consumo, mas que sabem fazer da sua vida um dom para os outros.

Assim, graças à Eucaristia, tornamo-nos profetas e construtores de um mundo novo: quando superamos o egoísmo e nos abrimos ao amor, quando cultivamos laços de fraternidade, quando participamos nos sofrimentos dos irmãos e partilhamos o pão e os recursos com os necessitados, quando colocamos os nossos talentos à disposição de todos, então estamos a partir o pão da nossa vida como Jesus. Irmãos e irmãs, perguntemo-nos então: guardo a minha vida só para mim ou dou-a como fez Jesus? Empenho-me pelos outros ou fecho-me no meu pequeno eu? E, nas situações quotidianas, sei partilhar ou procuro sempre o meu interesse? A Virgem Maria, que acolheu Jesus, Pão descido do Céu, e se doou inteiramente com Ele, nos ajude também a tornarmo-nos um dom de amor, unidos a Jesus-Eucaristia.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 9 de junho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (cf. Mc 3, 20-35) conta-nos que Jesus, depois de ter iniciado o seu ministério público, encontrou-se diante de uma dupla reação: a dos seus parentes, que estavam preocupados e temiam que Ele tivesse enlouquecido um pouco, e a das autoridades religiosas, que O acusavam de agir movido por um espírito maligno. Na realidade, Jesus pregava e curava os doentes pelo poder do Espírito Santo. E foi precisamente o Espírito que o tornou divinamente livre, isto é, capaz de amar e servir sem medidas nem condicionamentos. Jesus livre. Detenhamo-nos um pouco para contemplar esta liberdade de Jesus.

Jesus era livre diante das riquezas: por isso, deixou a segurança da sua aldeia, Nazaré, para abraçar uma vida pobre e cheia de incertezas (cf. Mt 6, 25-34), curando gratuitamente os doentes e quantos iam perder-lhe ajuda, sem nunca exigir nada em troca (cf. Mt 10, 8). A gratuidade do ministério de Jesus é esta. É também a gratuidade de qualquer ministério.

Era livre diante do poder: de facto, embora chamasse muitos a segui-Lo, nunca obrigou ninguém a fazê-lo, nem procurou o apoio dos poderosos, mas colocou-se sempre do lado dos últimos, ensinando aos seus discípulos a fazer o mesmo, como Ele tinha feito (cf. Lc 22, 25-27).

Por fim, Jesus era livre perante a busca da fama e da aprovação, e por isso nunca renunciou a dizer a verdade, mesmo à custa de não ser compreendido (cf. Mc 3, 21), de se tornar impopular, até ao ponto de morrer na cruz, não se deixando intimidar, nem comprar, nem corromper por nada nem por ninguém (cf. Mt 10, 28).

Jesus era um homem livre. Livre perante as riquezas, livre perante o poder, livre perante a busca da fama. E isto é importante também para nós. Porque se nos deixarmos condicionar pela busca do prazer, do poder, do dinheiro ou da fama, tornamo-nos escravos dessas coisas. Se, pelo contrário, deixarmos que o amor gratuito de Deus encha e dilate o nosso coração, e se o deixarmos transbordar espontaneamente, oferecendo-o aos outros, com todo o nosso ser, sem receios, cálculos ou condicionamentos, então crescemos em liberdade e difundimos também o seu bom perfume à nossa volta. Por isso podemos perguntar-nos: sou uma pessoa livre? Ou deixo-me aprisionar pelos mitos do dinheiro, do poder e do sucesso, sacrificando a estes a serenidade e a paz, minha e a dos outros? Espalho, nos ambientes em que vivo e trabalho, ar fresco de liberdade, de sinceridade, de espontaneidade?

Que a Virgem Maria nos ajude a viver e a amar como Jesus nos ensinou, na liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8,15.20-23).

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 16 de junho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje fala-nos do Reino de Deus através da imagem da semente (cf. *Mc* 4, 26-34). Jesus usa várias vezes esta comparação (cf. *Mt* 13, 1-23; *Mc* 4, 1-20; *Lc* 8, 4-15), e hoje fá-lo convidando-nos a refletir em particular sobre uma atitude importante ligada à imagem da semente, que é a *expetativa confiante*.

De facto, na sementeira, por melhor e mais abundante que seja a semente que o agricultor espalha, e por melhor que prepare a terra, as plantas não brotam imediatamente: é preciso tempo e paciência! Por isso, é necessário que, depois da sementeira, ele saiba esperar com confiança, para permitir que as sementes germinem no momento propício e que os rebentos brotem da terra e cresçam, suficientemente fortes para garantir, no fim, uma colheita abundante (cf. vv. 28-29). Debaixo da terra, o milagre já está a acontecer (cf. v. 27), há um desenvolvimento enorme, mas invisível, é preciso paciência e, entretanto, é necessário continuar a cuidar dos torrões, regando-os e mantendo-os limpos, não obstante à superfície parece que nada acontece.

O Reino de Deus também é assim. O Senhor deposita em nós as sementes da sua Palavra e da sua graça, sementes boas e abundantes, e depois, sem nunca deixar de nos acompanhar, espera pacientemente. O Senhor continua a cuidar de nós, com a confiança de um Pai, mas dá-nos tempo - o Senhor é paciente - para que as sementes se abram, cresçam e se desenvolvam até darem frutos de boas obras. E isto porque Ele quer que nada se perca no seu campo, que tudo chegue à plena maturidade; quer que todos nós possamos crescer como espigas cheias de grãos.

E não é só. Ao fazê-lo, o Senhor dá-nos um exemplo: ensina-nos também a semear o Evangelho com confiança onde estamos, e depois a esperar que a semente lançada cresça e dê fruto em nós e nos outros, sem desanimar e sem deixar de nos apoiarmos e ajudarmos uns aos outros, mesmo quando, apesar dos nossos esforços, parece que não vemos resultados imediatos. De facto, muitas vezes, até entre nós, para além das aparências, o milagre já está em curso e, a seu tempo, dará frutos abundantes!

Podemos então perguntar-nos: deixo semear a Palavra em mim? Por minha vez, semeio com confiança a Palavra de Deus nos ambientes em que vivo? Sou paciente na espera, ou desanimo porque não vejo resultados imediatos? E sou capaz de confiar tudo serenamente ao Senhor, dando o meu melhor para anunciar o Evangelho?

A Virgem Maria, que acolheu e fez crescer dentro de si a semente da Palavra, nos ajude a ser semeadores generosos e confiantes do Evangelho.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 23 de junho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho de hoje apresenta-nos Jesus no barco com os discípulos, no lago de Tiberíades. De repente, chega uma forte tempestade e o barco corre o risco de se afundar. Jesus, que estava a dormir, acorda, ameaça o vento e tudo volta à calma (cf. *Mc* 4, 35-41). Mas, na realidade, não acorda, acordam-no! Com tanto medo, são os discípulos que acordam Jesus. Na noite anterior, tinha sido o próprio Jesus a dizer aos discípulos que entrassem no barco e atravessassem o lago. Eles são experientes, são pescadores, e aquele é o seu ambiente de vida; mas uma tempestade podia pô-los em apuros. Parece que Jesus quer pô-los à prova. No entanto, não os deixa sozinhos, fica com eles no barco, em silêncio, até a dormir. E quando a tempestade se desencadeia, com a sua presença tranquiliza-os, encoraja-os, incita-os a ter mais fé e acompanha-os para além do perigo. Mas podemos fazer esta pergunta: porque se comporta assim Jesus? Para *reforçar a fé* dos discípulos e para os tornar *mais corajosos*. De facto, eles saem desta experiência mais conscientes do poder de Jesus e da sua presença no meio deles e, por isso, mais fortes e mais dispostos a enfrentar os obstáculos e as dificuldades, incluindo o medo de se aventurarem a anunciar o Evangelho. Tendo superado esta prova com Ele, serão capazes de enfrentar muitas outras, até à cruz e ao martírio, para levar o Evangelho a todas as nações. E Jesus faz o mesmo connosco, em particular na Eucaristia: reúne-nos à sua volta, dá-nos a sua Palavra, alimenta-nos com o seu Corpo e Sangue, e depois convida-nos a fazer-nos ao largo, para transmitir o que ouvimos e partilhar com todos o que recebemos, na vida de todos os dias, mesmo quando é difícil. Jesus não nos poupa das dificuldades, mas, sem nunca nos abandonar, ajuda-nos a enfrentá-las. Ele torna-nos corajosos. Assim, também nós, superando-as com a sua ajuda, aprendemos cada vez mais a estreitar-nos a Ele, a confiar no seu poder, que vai muito além das nossas capacidades, a superar incertezas e hesitações,

fechamentos e preconceitos, com coragem e grandeza de coração, para dizer a todos que o Reino dos Céus está presente, está aqui, e que com Jesus ao nosso lado podemos fazê-lo crescer juntos para além de todas as barreiras. Perguntemo-nos então: nos momentos de provação, sei recordar as vezes que na minha vida experimentei a presença e a ajuda do Senhor? Pensemos: quando chega alguma tempestade, deixo-me dominar pelo tumulto ou estreito-me a Ele - há tantas tempestades interiores - para encontrar a calma e a paz, na oração, no silêncio, na escuta da Palavra, na adoração e na partilha fraterna da fé? A Virgem Maria, que aceitou a vontade de Deus com humildade e coragem, nos conceda, nos momentos difíceis, a serenidade do abandono n'Ele.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 30 de junho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje fala-nos de dois milagres que parecem estar ligados entre si. Enquanto Jesus se dirige a casa de Jairo, um dos chefes da sinagoga, porque a sua filha está gravemente doente, no caminho uma hemorroíssa toca no seu manto e ele pára para a curar. Entretanto, anunciam que a filha de Jairo está morta, mas Jesus não pára, entra em casa, vai ao quarto da menina, toma-a pela mão e levanta-a, ressuscitando-a (*Mc* 5, 21-43). Dois milagres, um de cura e outro de ressurreição.

Estas duas curas são relatadas num único episódio. Ambas ocorrem por contacto físico. De facto, *a mulher toca no manto* de Jesus e *Jesus toma a jovem pela mão*. Porque é importante este “tocar”? Porque estas duas mulheres - uma porque está a sangrar e a outra porque está morta - são consideradas impuras e, por isso, não pode haver contacto físico com elas. Todavia, Jesus *deixa-se tocar e não tem medo de tocar*. Jesus deixa-se tocar e não tem medo de tocar. Ainda antes da cura física, Ele desafia uma conceção religiosa errada, segundo a qual Deus separa os puros de um lado e os impuros do outro. Pelo contrário, Deus não faz essa separação, porque todos somos seus filhos, e a impureza não vem da comida, da doença ou até da morte, mas a impureza vem de um coração impuro.

Aprendamos isto: perante os sofrimentos do corpo e do espírito, perante as feridas da alma, perante as situações que nos esmagam, e inclusive perante o pecado, Deus não nos mantém à distância, Deus não se envergonha de nós, Deus não nos julga; pelo contrário, aproxima-se para se deixar tocar e para nos tocar, e levanta-nos sempre da morte. Pega-nos sempre pela mão para nos dizer: filha, filho, levanta-te! (cf. *Mc* 5, 41), caminha, vai em frente! “Senhor, sou pecador” – “Vai em frente, eu fiz-me pecado por ti, para te salvar” – “Mas tu, Senhor, não és pecador” – “Não,

mas eu sofri todas as consequências do pecado para te salvar”. Isto é maravilhoso!

Fixemos no nosso coração esta imagem que Jesus nos entrega: Deus é aquele que te pega pela mão e te levanta, aquele que se deixa tocar pela tua dor e te toca para te curar e te dar de novo a vida. Ele não discrimina ninguém porque ama todos.

E então podemos perguntar-nos: acreditamos que Deus é assim? Deixamo-nos tocar pelo Senhor, pela sua Palavra, pelo seu amor? Entramos em relação com os nossos irmãos e irmãs, dando-lhes a mão para se levantarem, ou mantemo-nos à distância e classificamos as pessoas segundo os nossos gostos e preferências? Nós classificamos as pessoas. Faço-vos uma pergunta: Deus, o Senhor Jesus, classifica as pessoas? Que cada um responda a si próprio. Deus classifica as pessoas? E eu, vivo constantemente a classificar as pessoas?

Irmãos e irmãs, olhemos para o coração de Deus, para que a Igreja e a sociedade não excluam ninguém, não tratem ninguém como “impuro”, para que cada um, com a sua história, seja acolhido e amado sem etiquetas, sem preconceitos, seja amado sem adjetivos.

Oremos à Virgem Maria: ela que é Mãe da ternura, interceda por nós e pelo mundo inteiro.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 14 de julho de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho narra-nos que Jesus envia os seus discípulos em missão (cf. *Mc* 6, 7-13). Envia-os “de dois a dois”, com uma importante recomendação: devem levar consigo apenas o necessário.

Meditemos por um momento sobre esta imagem: os discípulos são enviados *juntos* e devem levar consigo *apenas o necessário*.

O Evangelho não se anuncia sozinho, não: anuncia-se em conjunto, como comunidade, e por isso é importante saber preservar a sobriedade: saber ser sóbrio no uso das coisas, compartilhando recursos, capacidades e dons, prescindindo do supérfluo. Porquê? Para sermos livres: o supérfluo escraviza-nos. E também a fim de que todos possam ter o necessário para viver com dignidade e contribuir ativamente para a missão; e, além disso, para ser sóbrios nos pensamentos, nos sentimentos, abandonando os preconceitos e a rigidez que, como bagagem inútil, pesa e atrapalha o caminho, favorecendo ao contrário o confronto e a escuta e, assim, tornando o testemunho mais eficaz.

Pensemos, por exemplo, no que acontece nas nossas famílias ou nas nossas comunidades, quando nos contentamos com o necessário, até com pouco, com a ajuda de Deus conseguimos ir em frente e compreender-nos, compartilhando o que temos, renunciando todos a algo e apoiando-nos uns aos outros (cf. *At* 4, 32-35). E isto já é um anúncio missionário, antes e ainda mais do que palavras, pois encarna a beleza da mensagem de Jesus na realidade da vida. Com efeito, uma família ou uma comunidade que vive assim, cria em volta de si um ambiente rico de amor, no qual é mais fácil abrir-se à fé e à novidade do Evangelho, e do qual se recomeça melhor, mais sereno.

Se, ao contrário, cada um segue o próprio caminho, se o que conta são apenas as coisas - que nunca são suficientes - se não nos ouvimos uns aos outros, se o individualismo e a inveja prevalecem - a inveja é mortal, um veneno! - o ar torna-se pesado, a vida difícil e os encontros tornam-se mais uma ocasião de inquietação, tristeza e desânimo do que uma oportunidade de alegria (cf. *Mt 19, 22*).

Estimados irmãos e irmãs, *comunhão* e *sobriedade* são valores importantes para a nossa vida cristã: comunhão, harmonia entre nós e sobriedade são valores importantes, valores indispensáveis para uma Igreja que seja missionária a todos os níveis.

Então, podemos perguntar-nos: sinto o desejo de anunciar o Evangelho, de levar onde vivo a alegria e a luz que vêm do encontro com o Senhor? E para o fazer, estou comprometido em caminhar com os outros, compartilhando com eles ideias e habilidades, com mente aberta e coração generoso? E, concluindo: sei cultivar um estilo de vida sóbrio, um estilo de vida atento às necessidades dos irmãos? São perguntas que nos fará bem formular.

Maria, Rainha dos Apóstolos, nos ajude a ser verdadeiros discípulos missionários, na comunhão e na sobriedade de vida. Na comunhão, na harmonia entre nós e na sobriedade de vida.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 21 de julho de 2024

Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (Mc 6, 30-34) narra que os apóstolos, depois de ter regressado da missão, se reúnem à volta de Jesus e contam-lhe o que fizeram; então Ele diz-lhes: «Vinde comigo para um lugar deserto e descansai um pouco» (v. 31). Contudo, as pessoas compreendem os seus movimentos e, quando descem do barco, Jesus encontra a multidão que o espera, sente compaixão por ela e começa a ensinar (cf. v. 34).

Assim, por um lado, o convite ao descanso e, por outro, a compaixão de Jesus pela multidão - é muito bom parar e refletir sobre a compaixão de Jesus. Parecem duas coisas inconciliáveis, o convite ao descanso e a compaixão, mas, pelo contrário, caminham juntas: *descanso* e *compaixão*. Vejamos!

Jesus preocupa-se com o cansaço dos discípulos. Talvez sinta um perigo que pode atingir também a nossa vida e o nosso apostolado, quando, por exemplo, o entusiasmo em cumprir a missão, ou o trabalho, bem como o papel e as tarefas que nos são confiadas, nos tornam vítimas do ativismo, e isto é negativo: demasiado preocupados com as coisas a fazer, demasiado preocupados com os resultados. Acontece, então, que ficamos inquietos e perdemos de vista o essencial, correndo o risco de esgotar as nossas energias e de cair no cansaço do corpo e do espírito. É uma admoestação importante para a nossa vida, para a nossa sociedade muitas vezes prisioneira da pressa, mas também para a Igreja e para o serviço pastoral: irmãos e irmãs, tenhamos cuidado com *a ditadura do fazer*! E isto pode acontecer também por necessidade nas famílias, quando, por exemplo, o pai, para ganhar o pão, é obrigado a ausentar-se para trabalhar, tendo assim que sacrificar o tempo para se dedicar à família. Muitas vezes, saem de manhã cedo, quando as crianças ainda estão a dormir, e regressam tarde da

noite, quando elas já estão na cama. E isto é uma injustiça social. Nas famílias, o pai e a mãe devem ter tempo para partilhar com os filhos, para fazer crescer este amor familiar e não cair na ditadura do fazer. Pensemos no que podemos fazer para ajudar as pessoas obrigadas a viver deste modo.

Ao mesmo tempo, o descanso proposto por Jesus não é uma fuga do mundo, um retirar-se no bem-estar pessoal; pelo contrário, perante as pessoas confusas, Ele sente compaixão. E assim aprendemos no Evangelho que estas duas realidades - *descanso* e *compaixão* - estão ligadas: *só se aprendermos a descansar poderemos ter compaixão*. Com efeito, só é possível ter um olhar compassivo, que saiba sentir as necessidades do outro, se o nosso coração não estiver consumido pela ansiedade do fazer, se soubermos parar e, no silêncio da adoração, receber a Graça de Deus.

Por isso, queridos irmãos e irmãs, podemos perguntar-nos: sei parar ao longo dos meus dias? Sei parar um momento para estar comigo mesmo e com o Senhor, ou sou sempre *levado pela pressa*, pela pressa de fazer as coisas? Sabemos encontrar um “deserto” interior no meio do barulho e das atividades de todos os dias?

Que a Virgem Santíssima nos ajude a “descansar no Espírito”, até no meio de todas as nossas atividades diárias, e a sermos disponíveis e compassivos para com os outros.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 28 de julho de 2024

Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho da Liturgia fala-nos do milagre dos pães e dos peixes (cf. *Jo* 6, 1-15). Um milagre, isto é, um “sinal”, cujos protagonistas realizam três gestos que Jesus repetirá na Última Ceia. Quais são esses gestos? *Oferecer, dar graças e partilhar.*

Primeiro: *oferecer*. O Evangelho fala de um rapaz que tem cinco pães e dois peixes (cf. *Jo* 6, 9). É o gesto pelo qual reconhecemos que temos algo de bom para dar, e dizemos o nosso “sim”, mesmo que o que temos seja muito pouco em relação ao que é necessário. Este gesto é realçado na missa, quando o sacerdote oferece o pão e o vinho sobre o altar, e cada um se oferece a si mesmo, a própria vida. É um gesto que pode parecer pequeno, se pensarmos nas imensas necessidades da humanidade, tal como os cinco pães e os dois peixes diante de uma multidão de milhares de pessoas; mas Deus faz dele a matéria para o maior milagre que existe: aquele em que Ele, Ele mesmo, se faz presente no meio de nós, para a salvação do mundo.

Assim se compreende o segundo gesto: *dar graças* (cf. *Jo* 6, 11). O primeiro gesto é *oferecer*, o segundo é *dar graças*. Ou seja, dizer ao Senhor com humildade, mas também com alegria: “Tudo o que tenho é vosso dom, Senhor, e para vos agradecer só posso devolver o que me destes primeiro, juntamente com o vosso Filho Jesus Cristo, acrescentando o que posso”. Cada um de nós pode dar um pouco mais. O que posso dar ao Senhor? O que pode dar o mais pequenino? O pobre amor. Dizer: “Senhor, amo-vos”. Nós, pobres homens: o nosso amor é tão pequeno! Mas podemos doá-lo ao Senhor, o Senhor aceita-o.

Oferecer, dar graças, e o terceiro gesto é *partilhar*. Na missa é a Comunhão, quando juntos nos aproximamos do altar para receber o Corpo e

o Sangue de Cristo: fruto do dom de cada um transformado pelo Senhor em alimento para todos. É um momento bonito, o da Comunhão, que nos ensina a viver cada gesto de amor como um dom de graça, tanto para quem dá como para quem recebe.

Irmãos e irmãs, perguntemo-nos: acredito realmente, pela graça de Deus, que tenho algo de único para oferecer aos irmãos, ou sinto-me anonimamente “um entre muitos”? Sou protagonista de um bem a ser oferecido? Sou grato ao Senhor pelos dons com que Ele me manifesta continuamente o seu amor? Vivo a partilha com os outros como um momento de encontro e de enriquecimento recíproco?

Que a Virgem Maria nos ajude a viver com fé cada Celebração eucarística e a reconhecer e saborear cada dia os “milagres” da graça de Deus

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 4 de agosto de 2024

Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho fala-nos de Jesus que, depois do milagre dos pães e dos peixes, convida as multidões que O procuram a refletir sobre o que aconteceu, para compreender o seu significado (cf. *Jo* 6, 24-35).

Tinham comido aquele alimento partilhado e puderam ver como, embora com poucos recursos, com a generosidade e a coragem de um jovem, que colocou o que tinha à disposição dos outros, todos ficaram saciados (cf. *Jo* 6, 1-13). O sinal era claro: se cada um der aos outros o que tem, com a ajuda de Deus, até com pouco todos podem ter alguma coisa. Não o esqueçais: se cada um der aos outros o que tem, com a ajuda de Deus, mesmo com pouco, todos podem ter alguma coisa. Não vos esqueçais disto.

E eles não compreenderam: confundiram Jesus com um mágico qualquer e voltaram a procurá-lo, esperando que ele repetisse o prodígio como se fosse magia (cf. v. 26).

Foram protagonistas de uma experiência para o seu caminho, mas não compreenderam o seu significado: a sua atenção concentrou-se apenas nos pães e nos peixes, no alimento material, que acabou imediatamente. Não se aperceberam de que se tratava apenas de um instrumento, através do qual o Pai, saciando a sua fome, lhes revelava algo muito mais importante. E o que lhes revelava o Pai? O caminho da vida que dura para sempre e o sabor do pão que sacia sem medida. O verdadeiro pão, em suma, era e é Jesus, o seu Filho amado feito homem (cf. v. 35), que veio partilhar a nossa pobreza para nos conduzir, através dela, à alegria da plena comunhão com Deus e com os irmãos (cf. *Jo* 3, 16).

As coisas materiais não preenchem a vida, ajudam-nos a viver e são importantes, mas não preenchem a vida: só o amor o pode fazer (cf. *Jo* 6, 35). E para que isto aconteça, o caminho a seguir é o da caridade que não guarda nada para si, mas partilha tudo. A caridade partilha tudo.

E não é isto que acontece também nas nossas famílias? Vemo-lo. Pensemos naqueles pais que lutam toda a vida para educar bem os seus filhos e deixar-lhes algo para o futuro. Que bonito quando esta mensagem é compreendida e os filhos agradecem e, por sua vez, se tornam solidários uns com os outros como irmãos! É verdade. Por outro lado, é triste quando há desavenças por causa da herança - já vi tantos casos, é triste - e se digladiam, e se calhar não se falam por causa do dinheiro, não se falam durante anos! A mensagem do pai e da mãe, o seu legado mais precioso, não é o dinheiro: é o amor, é o amor com que dão aos filhos tudo o que têm, tal como Deus faz connosco, e assim nos ensinam a amar.

Perguntemo-nos então: qual é a minha relação com os bens materiais? Sou escravo deles ou utilizo-os livremente, como instrumentos para dar e receber amor? Sei dizer “obrigado”, “obrigado” a Deus e aos irmãos pelos dons que recebi, e sei partilhá-los com os outros?

Maria, que deu a Jesus toda a sua vida, nos ensine a fazer de tudo um instrumento de amor.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 11 de agosto de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (*Jo* 6, 41-51) fala-nos da reação dos judeus à afirmação de Jesus que diz: «Eu desci do céu» (*Jo* 6, 38). Ficam escandalizados.

Murmuram entre eles: «Não é este Jesus, o filho de José? Dele não conhecemos o pai e a mãe? Como pode então dizer: “Eu desci do céu”?» (*Jo* 6, 42). E assim murmuram. Prestemos atenção ao que dizem. Estão convencidos de que Jesus não pode vir do céu, porque é filho de um carpinteiro e porque a sua mãe e os seus parentes são pessoas comuns, conhecidas, normais, como tantas outras. «Como pode Deus manifestar-se de uma forma tão vulgar?», dizem. São bloqueados na sua fé por preconceitos sobre a sua origem humilde e também bloqueados pela presunção, portanto, de que não têm nada a aprender com Ele. Preconceitos e presunção, como nos fazem mal! Impedem o diálogo sincero, o encontro entre irmãos: cuidado com os preconceitos e a presunção! Têm os seus esquemas rígidos, e não há lugar no seu coração para o que não se enquadra neles, para o que não conseguem catalogar e arquivar nas prateleiras poeirentas da sua segurança. E isto é verdade: muitas vezes as nossas seguranças estão fechadas, empoeiradas, como livros velhos.

No entanto, trata-se de pessoas que cumprem a lei, dão esmolas, respeitam jejuns e tempos de oração. De facto, Cristo já realizou vários milagres (cf. *Jo* 2, 1-11; 4, 43-54; 5, 1-9; 6, 1-25). Por que é que tudo isto não os ajuda a reconhecer que Ele é o Messias? Porque não os ajuda? Porque realizam as suas práticas religiosas não tanto para escutar o Senhor, mas para encontrar nelas uma confirmação do que pensam. Estão fechados à Palavra do Senhor e procuram a confirmação dos seus pensamentos. Demonstra-o o facto de nem sequer se darem ao trabalho de pedir

explicações a Jesus: limitam-se a murmurar entre si contra Ele (cf. *Jo* 6, 41), como que para se tranquilizarem mutuamente daquilo de que estão convencidos, e fecham-se em si mesmos, encerrados numa fortaleza impenetrável. E assim não conseguem acreditar. O fechamento do coração: como dói, como dói!

Prestemos atenção a tudo isto, porque às vezes pode acontecer o mesmo conosco, na nossa vida e na nossa oração: pode acontecer-nos, isto é, em vez de escutarmos verdadeiramente o que o Senhor tem para nos dizer, procurarmos dele e dos outros apenas uma confirmação daquilo que pensamos, uma confirmação das nossas convicções, dos nossos juízos, que são pré-juízos. Mas esta maneira de nos dirigirmos a Deus não nos ajuda a encontrá-lo, a encontrá-lo verdadeiramente, nem a abrimo-nos ao dom da sua luz e da sua graça, a crescer no bem, a fazer a sua vontade e a superar fechamentos e dificuldades. Irmãos e irmãs, a fé e a oração, quando são verdadeiras, abrem a mente e o coração, não os fecham. Quando se encontra uma pessoa que é fechada na mente, na oração, essa fé e essa oração não são verdadeiras.

Perguntemo-nos então: na minha vida de fé, sou capaz de fazer verdadeiramente silêncio dentro de mim e de escutar Deus? Estou disposto a acolher a sua voz para além dos meus esquemas e também, com a sua ajuda, a superar os meus temores?

Maria nos ajude a escutar com fé a voz d o Senhor e a fazer a sua vontade com coragem.

SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 15 de agosto de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos a Solenidade da Assunção da Virgem Maria e, no Evangelho da Liturgia, contemplamos a jovem de Nazaré que, logo que recebeu o anúncio do Anjo, pôs-se a caminho para visitar a sua prima.

É bela esta expressão do Evangelho: “pôs-se a caminho” (*Lc 1, 39*). Significa que Maria não considera um privilégio a notícia que recebeu do Anjo, mas, pelo contrário, sai de casa e põe-se a caminho, com a pressa de quem quer anunciar aos outros aquela alegria e com a ânsia de se pôr ao serviço da prima. Esta primeira viagem, na realidade, é uma metáfora de toda a sua vida, porque a partir daquele momento, Maria estará sempre a caminho: estará sempre a caminho no seguimento de Jesus, como discípula do Reino. E, no fim, a sua peregrinação terrena termina com a Assunção ao Céu, onde, juntamente com o Seu Filho, goza para sempre da alegria da vida eterna.

Irmãos e irmãs, não devemos imaginar Maria «como uma estátua de cera imóvel», mas nela podemos ver uma «irmã... com as sandálias gastas... e com tanto cansaço» (C. CARRETTO, *Beata te che hai creduto*, Roma 1983, p. 13), por ter caminhado atrás do Senhor e ao encontro dos irmãos, concluindo a sua viagem na glória do Céu. Deste modo, a Virgem Santíssima é Aquela que nos precede no caminho - Ela precede-nos - recordando a todos que também a nossa vida é um caminho, um caminho contínuo até ao horizonte do encontro definitivo. Peçamos a Nossa Senhora que nos ajude neste caminho rumo ao encontro com o Senhor.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 18 de agosto de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho fala-nos de Jesus, que afirma com simplicidade: «Eu sou o pão vivo, que desceu do céu» (Jo 6, 51). Perante a multidão, o Filho de Deus identifica-se com o alimento mais comum e quotidiano, o pão: “Eu sou o pão”. Entre os ouvintes, alguns começam a discutir (cf. v. 52): como pode Jesus dar-nos a comer a sua própria carne? Também nós hoje fazemos esta pergunta, mas com admiração e gratidão. Eis duas atitudes sobre as quais refletir: a admiração e a gratidão, diante do milagre da Eucaristia.

Primeiro: a *admiração*, porque as palavras de Jesus nos surpreendem. Mas Jesus surpreende-nos sempre, sempre. Ainda hoje, na nossa vida, Jesus surpreende-nos sempre. O pão do céu é um dom que supera qualquer expectativa. Aqueles que não compreendem o estilo de Jesus permanecem desconfiados: parece impossível, até desumano, comer a carne de outro (cf. v. 54). A carne e o sangue, pelo contrário, são a humanidade do Salvador, a sua própria vida oferecida como alimento para a nossa.

E isto leva-nos à segunda atitude: *gratidão*. - Primeiro a admiração, agora a gratidão, porque reconhecemos Jesus ali onde ele se faz presente para nós e conosco. Ele faz-se pão para nós. “Quem comer a minha carne permanece em mim e eu nele” (cf. v. 56). O Cristo, verdadeiro homem, sabe bem que é preciso comer para viver. Mas sabe também que isto não é suficiente. Depois de ter multiplicado o pão terreno (cf. Jo 6, 1-14), prepara um dom ainda maior: Ele mesmo se torna verdadeira comida e verdadeira bebida (cf. v. 55). Obrigado, Senhor Jesus! Com o coração, podemos dizer: obrigado, obrigado.

O pão celeste, que vem do Pai, é precisamente o Filho feito carne para nós. Este alimento é mais do que necessário para nós, porque sacia a fome

de esperança, a fome de verdade, a fome de salvação que todos nós sentimos não no estômago, mas no coração. A Eucaristia é necessária, para todos.

Jesus cuida da maior necessidade: salva-nos, alimentando a nossa vida com a sua, e isto para sempre. E, graças a Ele, podemos viver em comunhão com Deus e uns com os outros. O pão vivo e verdadeiro não é, portanto, algo mágico, não, não é algo que, de repente, resolve todos os problemas, mas é o próprio Corpo de Cristo, que dá esperança aos pobres e vence a arrogância daqueles que se empanturram em detrimento deles.

Perguntemo-nos então, irmãos e irmãs: tenho fome e sede de salvação, não só para mim, mas para todos os meus irmãos e irmãs? Quando recebo a Eucaristia, que é o milagre da misericórdia, sei admirar-me com o Corpo do Senhor, que morreu e ressuscitou por nós?

Rezemos juntos à Virgem Maria, para que nos ajude a receber o dom do céu no sinal do pão.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 18 de agosto de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho fala-nos de Jesus, que afirma com simplicidade: «Eu sou o pão vivo, que desceu do céu» (Jo 6, 51). Perante a multidão, o Filho de Deus identifica-se com o alimento mais comum e quotidiano, o pão: “Eu sou o pão”. Entre os ouvintes, alguns começam a discutir (cf. v. 52): como pode Jesus dar-nos a comer a sua própria carne? Também nós hoje fazemos esta pergunta, mas com admiração e gratidão. Eis duas atitudes sobre as quais refletir: a admiração e a gratidão, diante do milagre da Eucaristia.

Primeiro: a *admiração*, porque as palavras de Jesus nos surpreendem. Mas Jesus surpreende-nos sempre, sempre. Ainda hoje, na nossa vida, Jesus surpreende-nos sempre. O pão do céu é um dom que supera qualquer expectativa. Aqueles que não compreendem o estilo de Jesus permanecem desconfiados: parece impossível, até desumano, comer a carne de outro (cf. v. 54). A carne e o sangue, pelo contrário, são a humanidade do Salvador, a sua própria vida oferecida como alimento para a nossa.

E isto leva-nos à segunda atitude: *gratidão*. - Primeiro a admiração, agora a gratidão, porque reconhecemos Jesus ali onde ele se faz presente para nós e conosco. Ele faz-se pão para nós. “Quem comer a minha carne permanece em mim e eu nele” (cf. v. 56). O Cristo, verdadeiro homem, sabe bem que é preciso comer para viver. Mas sabe também que isto não é suficiente. Depois de ter multiplicado o pão terreno (cf. Jo 6, 1-14), prepara um dom ainda maior: Ele mesmo se torna verdadeira comida e verdadeira bebida (cf. v. 55). Obrigado, Senhor Jesus! Com o coração, podemos dizer: obrigado, obrigado.

O pão celeste, que vem do Pai, é precisamente o Filho feito carne para nós. Este alimento é mais do que necessário para nós, porque sacia a fome

de esperança, a fome de verdade, a fome de salvação que todos nós sentimos não no estômago, mas no coração. A Eucaristia é necessária, para todos.

Jesus cuida da maior necessidade: salva-nos, alimentando a nossa vida com a sua, e isto para sempre. E, graças a Ele, podemos viver em comunhão com Deus e uns com os outros. O pão vivo e verdadeiro não é, portanto, algo mágico, não, não é algo que, de repente, resolve todos os problemas, mas é o próprio Corpo de Cristo, que dá esperança aos pobres e vence a arrogância daqueles que se empanturram em detrimento deles.

Perguntemo-nos então, irmãos e irmãs: tenho fome e sede de salvação, não só para mim, mas para todos os meus irmãos e irmãs? Quando recebo a Eucaristia, que é o milagre da misericórdia, sei admirar-me com o Corpo do Senhor, que morreu e ressuscitou por nós?

Rezemos juntos à Virgem Maria, para que nos ajude a receber o dom do céu no sinal do pão.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 25 de agosto de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho da liturgia (*Jo* 6, 60-69) relata-nos a famosa resposta de São Pedro, que diz a Jesus: «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna» (*Jo* 6, 68). Que bela resposta! É uma linda expressão, que testemunha a amizade e a confiança que o ligam a Cristo, juntamente com os outros discípulos. «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna». Que bonito!

Pedro pronuncia-a num momento crítico, porque Jesus acaba de terminar um discurso em que diz que Ele é o “pão que desceu do céu” (cf. *Jo* 6, 41): é uma linguagem difícil de compreender e muitos, mesmo os discípulos que O seguiam, abandonaram-No, pois não compreendiam.

Os Doze, porém, não o fizeram: ficaram, porque n’Ele encontraram “palavras de vida eterna”. Ouviram-no pregar, viram os milagres que fez e continuaram a partilhar com Ele os momentos públicos e a intimidade da vida quotidiana (cf. *Mc* 3, 7-19).

Os discípulos nem sempre compreendem o que o Mestre diz e faz; por vezes têm dificuldade em aceitar os paradoxos do seu amor (cf. *Mt* 5, 38-48), as exigências extremas da sua misericórdia (cf. *Mt* 18, 21-22), a radicalidade do seu modo de se doar a todos. Não é fácil para eles compreender, mas são fiéis. As opções de Jesus muitas vezes vão além da mentalidade comum, dos próprios cânones da religião institucional e das tradições, a ponto de criar situações provocatórias e embaraçosas (cf. *Mt* 15, 12). Não é fácil segui-lo.

Mas, entre os muitos mestres daquele tempo, Pedro e os outros apóstolos encontram só n’Ele a resposta à sede de vida, à sede de alegria, à

sede de amor que os anima; só graças a Ele experimentam a plenitude de vida que procuram, para além dos limites do pecado e até da morte. Por isso não se vão embora: pelo contrário, todos, exceto um, mesmo entre muitas quedas e arrependimentos, permanecerão com Ele até ao fim (cf. *Jo 17, 12*).

E, irmãos e irmãs, isto diz-nos respeito igualmente a nós: também para nós não é fácil seguir o Senhor, compreender o seu modo de agir, fazer nossos os seus critérios e os seus exemplos. Também para nós não é fácil. No entanto, quanto mais nos aproximarmos dele - quanto mais aderirmos ao seu Evangelho, recebermos a sua graça nos sacramentos, permanecermos na sua companhia na oração, o imitarmos na humildade e na caridade - tanto mais experimentaremos a beleza de o ter como Amigo, e compreenderemos que só ele tem “palavras de vida eterna”.

Então perguntemo-nos: até que ponto Jesus está presente na minha vida? Até que ponto me deixo tocar e provocar pelas suas palavras? Posso dizer que elas são também para mim “palavras de vida eterna”? A ti, irmão, irmã, pergunto: as palavras de Jesus são para ti - também para mim - palavras de vida eterna?

Maria, que acolheu Jesus, o Verbo de Deus, na sua carne, nos ajude a escutá-lo e a nunca o deixar.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 1º de setembro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, no Evangelho da liturgia (cf. *Mc* 7, 1-8.14-15.21-23), Jesus fala do puro e do impuro: um tema muito caro aos seus contemporâneos, que estava ligado sobretudo à observância de ritos e regras de comportamento, para evitar qualquer contacto com coisas ou pessoas consideradas impuras e, caso isso acontecesse, apagar a “mancha” (cf. *Lv* 11-15). Naquele tempo, a pureza e a impureza eram quase uma obsessão para alguns religiosos. Alguns escribas e fariseus, rigorosos observadores dessas regras, acusam Jesus de permitir que os seus discípulos tomem alimentos sem lavar as mãos. E Jesus aproveita esta repreensão dos fariseus aos seus discípulos para falar sobre o significado de “pureza”.

A pureza - diz Jesus - não está ligada a ritos exteriores, mas, antes de mais, a disposições interiores. Por isso, para ser puro, de nada serve lavar as mãos várias vezes, se depois se abrigam no coração sentimentos maus como a cobiça, a inveja ou o orgulho, ou intenções más como o engano, o roubo, a traição e a calúnia (cf. *Mc* 7, 21-22). Jesus chama a atenção para advertir contra o ritualismo, que não faz crescer no bem; pelo contrário, pode por vezes levar a negligenciar, ou até justificar, em si mesmo e nos outros, opções e atitudes contrárias à caridade, que ferem a alma e fecham o coração.

E isto, irmãos e irmãs, é importante também para nós: não se pode, por exemplo, sair da Santa Missa e, já no adro, parar para fazer mexericos maldosos e impiedosos sobre tudo e todos. Esse mexerico que arruína o coração, que arruína a alma. Não se deve! Vais à Missa e depois comportas-te assim, é uma coisa feia! Ou mostras-te piedoso na oração, mas depois em casa tratas os teus familiares com frieza e indiferença, ou negligencias os teus pais idosos, que precisam de ajuda e de companhia (cf. *Mc* 7, 10-13). É

uma vida dupla e não se pode. E era o que faziam os fariseus. Pureza exterior sem boas atitudes, atitudes misericordiosas com os outros. Ou, ainda, não se pode ser aparentemente muito justo para com todos, talvez até fazer um pouco de voluntariado e alguns gestos filantrópicos, mas depois cultivar interiormente o ódio aos outros, desprezar os pobres e os últimos, ou comportar-se desonestamente no seu trabalho.

Se o fizermos, reduzimos a nossa relação com Deus a gestos exteriores e, por dentro, permanecemos impermeáveis à ação purificadora da sua graça, hesitando entre pensamentos, mensagens e comportamentos sem amor.

Nós fomos feitos para outra coisa. Fomos feitos para a pureza de vida, para a ternura, para o amor.

Perguntemo-nos, então: vivo a minha fé com coerência, ou seja, o que faço na igreja, procuro fazer com o mesmo espírito fora dela? Com os meus sentimentos, palavras e ações, concretizo na proximidade e no respeito pelos meus irmãos o que digo na oração? Reflitamos sobre isto.

E que Maria, Mãe puríssima, nos ajude a fazer da nossa vida, no amor sincero e praticado, um culto agradável a Deus (cf. *Rm* 12, 1).

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 15 de setembro de 2024

Prezados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje diz-nos que Jesus, depois de ter perguntado aos discípulos o que pensavam d'Ele, pergunta-lhes diretamente: «Mas vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mc 8, 29). Pedro responde em nome de todo o grupo dizendo: «Tu és o Cristo» (v. 30), isto é, «Tu és o Messias». Mas quando Jesus começa a falar do sofrimento e da morte que o esperam, o próprio Pedro opõe-se, e Jesus repreende-o severamente: «Afasta-te de mim, Satanás! - diz-lhe Satanás - Porque não pensas segundo Deus, mas segundo os homens» (v. 33).

Olhando para a atitude do apóstolo Pedro, também nós podemos interrogar-nos sobre o que significa realmente *conhecer Jesus*.

De facto, por um lado, Pedro responde perfeitamente, dizendo a Jesus que Ele é o Cristo. Mas, por detrás destas palavras corretas, há ainda um modo de pensar “segundo os homens”, uma mentalidade que imagina um Messias forte, um Messias vitorioso, que não pode sofrer nem morrer. Assim, as palavras com que Pedro responde são “corretas”, mas o seu modo de pensar não mudou. Ele ainda tem de modificar a sua mentalidade, ainda precisa de se converter.

E esta é uma mensagem importante inclusive para nós. Com efeito, também nós aprendemos alguma coisa sobre Deus, conhecemos a doutrina, recitamos corretamente as orações e, talvez, à pergunta “quem é Jesus para ti?” respondamos bem, com alguma fórmula que aprendemos no catecismo. Mas será que estamos certos de que isso significa conhecer realmente Jesus? Na realidade, para conhecer o Senhor não é suficiente saber algo sobre ele, mas é necessário segui-lo, deixar-se tocar e mudar pelo seu Evangelho. Ou seja, trata-se de ter uma relação com Ele, um encontro.

Posso saber muitas coisas sobre Jesus, mas se não o tiver encontrado, ainda não sei quem é Jesus. É necessário este encontro que muda a vida: muda o modo de ser, muda a maneira de pensar, muda as relações com os irmãos, a disponibilidade para aceitar e perdoar, muda as escolhas que fazemos na vida. Tudo muda quando se conhece verdadeiramente Jesus! Tudo muda.

Irmãos e irmãs, o teólogo e pastor luterano Bonhoeffer, vítima do nazismo, escreveu: «O problema que nunca me deixa tranquilo é saber o que é realmente o cristianismo para nós hoje, ou até quem é Cristo» (*Resistenza e Resa. Lettere e scritti dal carcere - Resistência e Rendição. Cartas e escritos da prisão*], Cinisello Balsamo 1996, 348). Infelizmente, muitos já não se colocam esta questão e permanecem “tranquilos”, adormecidos, ou até longe de Deus. Em vez disso, é importante perguntarmo-nos: deixo-me incomodar, pergunto-me quem é Jesus para mim e que lugar ocupa na minha vida? Que a nossa mãe Maria, que conhecia bem Jesus, nos ajude com esta pergunta.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 22 de setembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (Mc 9, 30-37) fala-nos de Jesus que anuncia o que vai acontecer no culminar da sua vida: «O Filho do Homem», diz Jesus, «foi entregue nas mãos dos homens e eles matá-lo-ão, mas depois de três dias ressuscitará» (v. 31). Os discípulos, porém, enquanto seguem o Mestre, têm outra coisa na mente e também nos lábios. Quando Jesus lhes pergunta de que estão a falar, eles não respondem.

Prestemos atenção a este silêncio: os discípulos calam-se porque estavam a discutir sobre quem era o maior (cf. v. 34). Calam-se por vergonha. Que contraste com as palavras do Senhor! Enquanto Jesus lhes confiava o sentido da sua vida, eles falavam de poder. Agora, a vergonha fecha-lhes a boca, tal como o orgulho lhes tinha fechado o coração. Mas Jesus responde abertamente às palavras sussurradas ao longo do caminho: «Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último» (cf. v. 35). Queres ser grande? Faz-te pequeno, põe-te ao serviço de todos.

Com uma palavra tão simples quanto decisiva, Jesus renova a nossa maneira de viver. Ensina-nos que o verdadeiro poder não reside no domínio dos mais fortes, mas no cuidado dos mais fracos. O verdadeiro poder é cuidar dos mais fracos, isto torna-nos grandes!

É por isso que o Mestre chama uma criança, coloca-a no meio dos discípulos e abraça-a, dizendo: «Quem acolher uma destas criancinhas em meu nome, é a mim que acolhe» (v. 37). A criança não tem poder: a criança tem necessidade. Quando cuidamos do homem, reconhecemos que o homem tem sempre necessidade de vida.

Nós, todos nós, estamos vivos porque fomos acolhidos, mas o poder faz-nos esquecer esta verdade. Tu estás vivo porque foste acolhido! Então tornamo-nos dominadores, não servos, e os primeiros a sofrer são os últimos: os pequenos, os fracos, os pobres.

Irmãos e irmãs, quantas pessoas, quantas, sofrem e morrem por causa das lutas pelo poder! São vidas que o mundo rejeita, como rejeitou Jesus, aqueles que são excluídos e morrem... Quando foi entregue nas mãos dos homens, não encontrou um abraço, mas uma cruz. No entanto, o Evangelho continua a ser uma palavra viva e esperançosa: Aquele que foi rejeitado, ressuscitou, é o Senhor!

Agora, neste belo domingo, podemos perguntar-nos: consigo reconhecer o rosto de Jesus nos mais pequeninos? Cuido do meu próximo, servindo-o com generosidade? E agradeço àqueles que cuidam de mim?

Rezemos juntos a Maria, para sermos como ela livres de vanglória e prontos para o serviço.

**VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
AO LUXEMBURGO E À BÉLGICA
(26-29 de setembro de 2024)**

ANGELUS

Estádio Rei Balduino (Bruxelas)

Domingo, 29 de setembro de 2024

Agradeço ao senhor Arcebispo as suas amáveis palavras. E expresso a minha sincera gratidão a Suas Majestades, o Rei e a Rainha, bem como a Suas Altezas Reais, o Grão-Duque e a Grã-Duquesa de Luxemburgo, pela sua presença e pelo acolhimento durante estes dias.

E estendo o meu “obrigado” a todos aqueles que, de muitas maneiras, colaboraram na organização dessa visita; especialmente aos idosos e doentes que ofereceram as suas orações.

Hoje se celebra a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado com o tema “Deus caminha com o Seu povo”. A partir deste país, a Bélgica, que foi e ainda é meta de tantos migrantes, renovo à Europa e à comunidade internacional o meu apelo a que considerem o fenómeno migratório como uma oportunidade para crescer juntos na fraternidade, e convido todos a ver em cada irmão e irmã migrante o rosto de Jesus que se fez hóspede e peregrino em meio a nós.

Continuo a seguir com dor e com muita preocupação o crescimento e a intensificação do conflito no Líbano. O Líbano é uma mensagem, mas neste momento é uma mensagem martirizada, e esta guerra tem efeitos avassaladores sobre a população: tantas, demasiadas pessoas continuam a morrer dia após dia no Oriente Médio. Rezemos pelas vítimas, pelas suas famílias, rezemos pela paz. Peço a todas as partes que cessem imediatamente as hostilidades no Líbano, em Gaza, no resto da Palestina e em Israel. Liberem-se os reféns e permita-se a ajuda humanitária. Não esqueçamos a martirizada Ucrânia.

Agradeço também a tantos de vós que viestes da Holanda, da Alemanha e da França para partilhar esta jornada. Obrigado!

Neste momento quero dar-vos também uma notícia. Ao regressar a Roma iniciarei o processo de beatificação do Rei Balduino: que o seu exemplo de homem de fé ilumine os governantes. Peço aos bispos belgas que se empenhem em levar adiante esta causa.

E, neste momento, dirigimo-nos à Virgem Maria para juntos recitarmos o *Angelus* – oração que outrora fora muito popular entre os nossos antepassados e que precisa de ser redescoberta. Ela é uma síntese do mistério cristão, que a Igreja nos ensina a recitar no meio das nossas atividades quotidianas. Recomendo-a especialmente aos jovens, e entrego-vos a todos à Nossa Santíssima Mãe que aqui, ao lado deste altar, está representada como a Sede da Sabedoria. Sem dúvida que precisamos da sabedoria do Evangelho! Peçamo-la insistentemente ao Espírito Santo.

Por fim, por intercessão de Maria, supliquemos a Deus o dom da paz para a martirizada Ucrânia, bem como para a Palestina e Israel, para o Sudão, Mianmar e demais territórios devastados pela guerra.

Obrigado a todos! E sigamos em frente, “*en route, avec Espérance*”!

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 6 de outubro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, no Evangelho da liturgia (cf. *Mc* 10, 2-16), Jesus fala-nos do amor conjugal. Como noutras ocasiões, alguns fariseus fazem-Lhe uma pergunta provocadora sobre um tema controverso: o repúdio da esposa por parte do marido. Queriam arrastá-lo para uma polémica, mas ele não cai nisso, antes, aproveita a ocasião para chamar a atenção deles para uma questão mais importante: o valor do amor entre o homem e a mulher.

No tempo de Jesus, a condição da mulher no matrimónio era muito desvantajosa em relação à do homem: o marido podia expulsar, repudiar a esposa, até por motivos fúteis, e isso era justificado com interpretações legalistas das Escrituras. É por isso que o Senhor reconduz os seus interlocutores às exigências do amor. Recordai-vos que mulher e homem foram desejados pelo Criador para serem iguais em dignidade e complementares na diversidade, para poderem ser ajuda e companhia um do outro, mas ao mesmo tempo estímulo e desafio para crescer (cf. *Gn* 2, 20-23).

E, para que isso aconteça, sublinha a necessidade de que o dom recíproco seja pleno, envolvente, sem “meias medidas” - isto é o amor - para que seja o início de uma vida nova (cf. *Mc* 10, 7; *Gn* 2, 24), destinada a durar não “enquanto me apetecer”, mas para sempre, acolhendo-se mutuamente e vivendo unidos como “uma só carne” (cf. *Mc* 10, 8; *Gn* 2, 24). Claro que isto não é fácil, exige fidelidade, mesmo nas dificuldades, exige respeito, sinceridade, simplicidade (cf. *Mc* 10, 15). É preciso estar abertos ao confronto, por vezes à discussão, quando é preciso, mas sempre prontos ao perdão e à reconciliação. E atenção: marido e esposa, discutam à vontade, desde que façam as pazes antes do fim do dia! Sabem porquê? Porque a guerra fria do dia seguinte é perigosa. “E diga-me, Padre, como é

que se faz a paz?” - “Basta uma carícia, assim”, mas nunca terminar o dia sem fazer as pazes.

Não esqueçamos, portanto, que é essencial que os esposos se abram ao dom da vida, ao dom dos filhos, que são o mais belo fruto do amor, a maior bênção de Deus, fonte de alegria e de esperança para cada lar e toda a sociedade. Tende filhos! Ontem tive uma grande consolação. Era o dia da Gendarmaria, e um gendarme veio com os seus oito filhos! Foi bonito vê-lo. Por favor, abertos à vida, ao que Deus envia.

Queridas irmãs, queridos irmãos, o amor é exigente, sim, mas é belo, e quanto mais nos deixamos envolver por ele, mais descobrimos nele a verdadeira felicidade. E agora, que cada um se pergunte no seu coração: como é o meu amor? É fiel? É generoso? É criativo? Como são as nossas famílias? Estão abertas à vida, ao dom dos filhos?

Que a Virgem Maria ajude os esposos cristãos. Dirijamo-nos a ela em união espiritual com os fiéis reunidos no Santuário de Pompeia para a tradicional Súplica a Nossa Senhora do Santo Rosário.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 13 de outubro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (*Mc* 10, 17-30) fala-nos de um homem rico que corre ao encontro de Jesus e lhe pergunta: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» (v. 17). Jesus convida-o a deixar tudo e a segui-lo, mas o homem, entristecido, vai-se embora porque - diz o texto - «tinha grande fortuna» (v. 23). Deixar tudo custa.

Podemos ver os dois movimentos deste homem: no início *corre* ao encontro de Jesus; no fim, porém, vai-se embora pesaroso. Primeiro corre, depois vai-se embora. Detenhamo-nos nisto.

Primeiro, este homem dirige-se a Jesus a correr. É como se algo no seu coração o impelisse: de facto, apesar de ter tantas riquezas, está insatisfeito, tem uma inquietação interior, procura uma vida mais plena. Como fazem muitas vezes os doentes e os possuídos (cf. *Mc* 3, 10; 5, 6), vemos no Evangelho, ele lança-se aos pés do Mestre; é rico, mas precisa de ser curado. É rico, mas precisa de ser curado. Jesus olha para ele com amor (v. 21); depois, propõe-lhe uma “terapia”: vender tudo o que tem, dar aos pobres e segui-lo. Mas, neste momento, chega uma conclusão inesperada: o homem entristece-se e vai-se embora! Tão grande e impetuoso foi o desejo de encontrar Jesus, tão fria e rápida foi a despedida d’Ele.

Também nós trazemos no coração uma necessidade irreprimível de felicidade e de uma vida cheia de sentido; no entanto, podemos cair na ilusão de pensar que a resposta está na posse de bens materiais e de seguranças terrenas. Jesus, pelo contrário, quer reconduzir-nos à verdade dos nossos desejos e fazer-nos descobrir que, na realidade, o bem pelo qual ansiamos é o próprio Deus, o seu amor por nós e a vida eterna que só Ele nos pode dar. A verdadeira riqueza é sermos olhados com amor pelo Senhor

- esta é uma grande riqueza - e como faz Jesus com aquele homem, e amarmo-nos uns aos outros tornando a nossa vida um dom para os demais. Por isso, irmãos e irmãs, Jesus convida-nos a arriscar, a “arriscar o amor”: vender tudo para o dar aos pobres, o que significa despojarmo-nos de nós mesmos e das nossas falsas seguranças, estarmos atentos a quem precisa e partilharmos os nossos bens, não apenas coisas, mas aquilo que somos: os nossos talentos, a nossa amizade, o nosso tempo, etc.

Irmãos e irmãs, aquele homem rico não queria arriscar, arriscar o quê? Não quis arriscar o amor e foi-se embora com uma cara triste. E nós? Perguntemo-nos: a que é que o nosso coração está apegado? Como é que saciamos a nossa fome de vida e de felicidade? Sabemos partilhar com aqueles que são pobres, que estão em dificuldade ou que precisam de ser ouvidos, que precisam de um sorriso, de uma palavra que os ajude a recuperar a esperança? Ou que precisam de ser ouvidos... Lembremo-nos disto: a verdadeira riqueza não são os bens deste mundo, a verdadeira riqueza é ser amado por Deus e aprender a amar como Ele.

E agora peçamos a intercessão da Virgem Maria, para que nos ajude a descobrir em Jesus o tesouro da vida.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 20 de outubro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Antes de concluir esta Celebração Eucarística, agradeço a todos vós que viestes honrar os novos Santos. Saúdo os Cardeais, os Bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas, de modo particular os Frades Menores e os fiéis Maronitas, os Missionários e as Missionárias da Consolata, as Irmãzinhas da Sagrada Família e as Oblatas do Espírito Santo, bem como os demais grupos de peregrinos provenientes de vários lugares. Dirijo uma cordial saudação ao Presidente da República Italiana, às outras Delegações oficiais e às Autoridades civis.

Saúdo o numeroso grupo de peregrinos ugandeses, com o Vice-Presidente do país, que vieram sessenta anos depois da canonização dos Mártires do Uganda.

O testemunho de São José Allamano recorda-nos a necessária atenção às populações mais frágeis e vulneráveis. Penso em particular no povo Yanomami, na floresta amazónica brasileira, entre cujos membros se realizou o milagre ligado à canonização de hoje. Apelo às autoridades políticas e civis para que garantam a proteção destes povos e dos seus direitos fundamentais e contra todas as formas de exploração da sua dignidade e dos seus territórios.

Hoje celebramos o *Dia Mundial das Missões*, cujo tema - “Ide e convidai todos para o banquete” (cf. Mt 22, 9) - nos recorda que o anúncio missionário é levar a todos o convite ao encontro jubiloso com o Senhor, que nos ama e quer que participemos na sua alegria esponsal. Como nos ensinam os novos Santos: «cada cristão é chamado a participar nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente» (*Mensagem para o XCVIII Dia missionário mundial*, 25 de janeiro de 2024). Apoiemos,

com a nossa oração e com a nossa ajuda, todos os missionários que, muitas vezes com grande sacrifício, levam o luminoso anúncio do Evangelho a todas as partes da terra.

E continuemos a rezar pelos povos que sofrem com a guerra - a martirizada Palestina, Israel, o Líbano, a martirizada Ucrânia, o Sudão, Myanmar e todos os outros - e invoquemos para todos o dom da paz.

Que a Virgem Maria nos ajude a ser, como Ela e como os Santos, testemunhas corajosas e alegres do Evangelho.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 27 de outubro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho da liturgia (Mc 10, 46-52) fala-nos de Jesus que cura um homem cego. O seu nome é Bartimeu, mas a multidão na rua ignora-o: é um pobre mendigo. Aquelas pessoas não têm olhos para este cego; abandonam-no, ignoram-no. Nenhum olhar de cuidado, nenhum sentimento de compaixão. Também Bartimeu não vê, mas ouve e faz-se ouvir. Grita, grita muito alto: «Filho de David, tem piedade de mim!» (v. 48). Jesus, porém, ouve-o e vê-o. Põe-se à sua disposição e pergunta-lhe: «Que queres que eu faça por ti?» (v. 51).

“Que queres que eu faça por ti?”. Esta pergunta, diante de um cego, parece uma provocação, mas é um teste. Jesus pergunta a Bartimeu quem procura ele realmente, e por que razão. Quem é para ti o “Filho de David”? E é assim que o Senhor começa a abrir os olhos do cego. Consideremos três aspetos deste encontro, que se torna um diálogo: *o grito, a fé, o caminho*.

Antes de mais, o *grito* de Bartimeu, que não é apenas um pedido de ajuda. É uma afirmação de si próprio. O cego está a dizer: “Eu existo, olha para mim. Não posso ver, Jesus. Tu vê-me?” Sim, Jesus vê o mendigo e ouve-o, com os ouvidos do corpo e com os do coração. Pensemos em nós, quando passamos por um mendigo na rua: quantas vezes desviamos o olhar, quantas vezes o ignoramos, como se ele não existisse. E nós ouvimos o grito dos mendigos?

Segundo ponto: a *fé*. O que diz Jesus? «Vai, a tua fé te salvou» (v. 52). Bartimeu vê porque acredita; Cristo é a luz dos seus olhos. O Senhor observa como Bartimeu olha para ele. Como olho eu para um mendigo? Ignoro-o? Olho para ele como Jesus? Sou capaz de compreender as suas

perguntas, o seu pedido de ajuda? Quando dás esmola, olhas para os olhos do mendigo? Tocas-lhe na mão para sentir a sua carne?

Por fim, o *caminho*: Bartimeu, curado, «seguia Jesus ao longo do caminho» (v. 52). Mas cada um de nós é Bartimeu, cego por dentro, que segue Jesus depois de se ter aproximado dele. Quando te aproximas de um pobre e te fazes próximo, é Jesus que se aproxima de ti na pessoa desse pobre. Por favor, que não haja confusão: a esmola não é caridade. Quem recebe mais graça da esmola é aquele que a dá, pois faz-se olhar pelos olhos do Senhor.

Rezemos juntos a Maria, aurora da salvação, para que ela guarde o nosso caminho na luz de Cristo.

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

ANGELUS

Praça São Pedro

Sexta-feira, 1º de novembro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia e feliz festa!

Hoje, Solenidade de Todos os Santos, no Evangelho (cf. *Mt* 5, 1-12), Jesus proclama o bilhete de identidade do cristão. E qual é o bilhete de identidade do cristão? As bem-aventuranças. É o nosso bilhete de identidade e também o caminho da santidade (cf. Exortação ap. *Gaudete et exsultate*, 63). Jesus indica-nos um caminho, o caminho do amor, que Ele próprio percorreu primeiro fazendo-Se homem, e que para nós é simultaneamente dom de Deus e resposta nossa. Dom e resposta.

É dom de Deus, porque, como diz São Paulo, é Ele que santifica (cf. *1 Cor* 6, 11). Por isso, é antes de mais ao Senhor que pedimos que nos santifique, que torne o nosso coração semelhante ao seu (cf. Carta enc. *Dilexit nos*, 168). Com a sua graça, Ele cura-nos e liberta-nos de tudo o que nos impede de amar como Ele nos ama (cf. *Jo* 13, 34), para que em nós, como dizia o Beato Carlo Acutis, haja sempre «menos de mim para deixar espaço a Deus».

E isto leva-nos ao segundo ponto: a nossa resposta. O Pai do céu, de facto, oferece-nos a sua santidade, mas não no-la impõe. Ele semeia-a em nós, faz-nos saboreá-la e ver a sua beleza, mas depois espera a nossa resposta. Deixa-nos a liberdade de seguir as suas boas inspirações, deixar-nos envolver pelos seus projetos, fazer nossos os seus sentimentos (cf. *Dilexit nos*, 179), pondo-nos, como Ele nos ensinou, ao serviço dos outros, com uma caridade cada vez mais universal, aberta e dirigida a todos, ao mundo inteiro.

Vemos tudo isto na vida dos santos, também no nosso tempo. Pensemos, por exemplo, em São Maximiliano Kolbe, que em Auschwitz pediu para tomar o lugar de um pai de família condenado à morte; ou em Santa Teresa de Calcutá, que passou a sua existência ao serviço dos mais pobres entre os pobres; ou no bispo São Óscar Romero, assassinado no altar por ter defendido os direitos dos últimos contra os abusos dos prepotentes. E assim podemos fazer a lista de tantos santos, tantos: os que veneramos nos altares e outros, a quem gosto de chamar os santos da “porta ao lado”, os de todos os dias, escondidos, que diariamente levam por diante a sua vida cristã. Irmãos e irmãs, quanta santidade escondida existe na Igreja! Reconhecemos tantos irmãos e irmãs plasmados pelas bem-aventuranças: pobres, mansos, misericordiosos, famintos e sedentos de justiça, pacificadores. São pessoas “cheias de Deus”, incapazes de ficar indiferentes às necessidades do próximo; são testemunhas de caminhos luminosos, que também são possíveis para nós.

Perguntemo-nos agora: peço a Deus, na oração, o dom de uma vida santa? Deixo-me guiar pelos bons impulsos que o seu Espírito suscita em mim? E comprometo-me pessoalmente a praticar as bem-aventuranças do Evangelho, nos ambientes em que vivo?

Maria, Rainha de todos os Santos, nos ajude a fazer da nossa vida um caminho de santidade.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 3 de novembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (Mc 12, 28-34) fala-nos de uma das tantas discussões que Jesus teve no templo de Jerusalém. Um dos escribas aproxima-se e interroga-o: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» (v. 28). Jesus responde juntando duas palavras fundamentais da lei mosaica: «Amarás o Senhor, teu Deus» e «amarás o teu próximo» (vv. 30-31).

Com a sua pergunta, o escriba procura “o primeiro” dos mandamentos, ou seja, um princípio que está na base de todos os mandamentos; os judeus tinham muitos preceitos e procuravam a base de todos, um que fosse o fundamental; tentavam chegar a um acordo sobre um fundamental, e haviam discussões entre eles, boas discussões porque procuravam a verdade. E esta questão é essencial também para nós, para a nossa vida e para o caminho da nossa fé. Na verdade, também nós, por vezes, nos sentimos dispersos em tantas coisas e nos perguntamos: mas, afinal, qual é a coisa mais importante de todas? Onde posso encontrar o centro da minha vida, da minha fé? Jesus dá-nos a resposta, unindo estes dois mandamentos, que são os principais: «Amarás o Senhor teu Deus» e «amarás o teu próximo». E isto é um pouco o coração da nossa fé.

Todos nós - sabemos-lo - precisamos de regressar ao coração da vida e da fé, porque o coração é «a fonte e a raiz de todas as outras forças, convicções» (Enc. *Dilexit nos*, 9). E Jesus diz-nos que a fonte de tudo é o amor, que nunca devemos separar Deus do homem. Ao discípulo de cada tempo, o Senhor diz: no teu caminho, o que conta não são as práticas exteriores, como os holocaustos e os sacrifícios (v. 33), mas a disposição do coração com que tu te abres a Deus e aos irmãos no amor. Irmãos e irmãs, nós podemos fazer tantas coisas, de facto, mas fazê-las só para nós mesmos e sem amor, e isso não é bom; fazê-las com o coração distraído ou com o

coração fechado, não pode ser assim. Todas as coisas devem ser feitas com amor.

O Senhor virá e perguntar-nos-á, antes de mais, sobre o amor: “Como amaste?” É crucial, portanto, fixar no nosso coração o mandamento mais importante. Qual é? Ama o Senhor, teu Deus e ama o teu próximo como a ti mesmo. E todos os dias fazer o nosso exame de consciência e perguntarmonos: o amor a Deus e ao próximo é o centro da minha vida? A minha oração a Deus impele-me a ir ter com os meus irmãos e a amá-los com gratuidade? Reconheço a presença do Senhor no rosto dos outros?

A Virgem Maria, que trazia a lei de Deus impressa no seu coração imaculado, nos ajude a amar o Senhor e os irmãos

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 10 de novembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho da liturgia (cf. *Mc* 12, 38-44) fala-nos de Jesus que, no templo de Jerusalém, denuncia diante do povo a atitude hipócrita de alguns escribas (cf. vv. 38-40).

A estes últimos era confiado um papel importante na comunidade de Israel: liam, transcreviam e interpretavam as Escrituras. Por isso, eram tidos em grande estima e o povo prestava-lhes reverência.

Mas, para além das aparências, o seu comportamento não correspondia muitas vezes ao que ensinavam. Não eram coerentes. De facto, alguns, valendo-se do prestígio e do poder de que gozavam, olhavam para os outros “de cima” - o que é muito feio, olhar para o outro de cima para baixo -, assumiam ares de superioridade e, escondendo-se atrás de uma fachada de fingida respeitabilidade e legalismo, arrogavam-se privilégios e chegavam ao ponto de cometer roubos em detrimento dos mais fracos, como as viúvas (cf. v. 40). Em vez de usarem o papel de que foram investidos para servir os outros, fizeram dele um instrumento de arrogância e de manipulação. E aconteceu que até a oração, para eles, corria o risco de deixar de ser um momento de encontro com o Senhor, para se tornar uma ocasião de ostentação de respeitabilidade e de piedade fingida, útil para atrair a atenção das pessoas e obter aprovação (cf. *ibid.*). Recordemos o que Jesus diz sobre a oração do publicano e do fariseu (cf. *Lc* 18, 9-14).

Eles - não todos - comportavam-se como pessoas corruptas, alimentando um sistema social e religioso em que era normal favorecer-se em detrimento dos outros, sobretudo dos mais indefesos, cometendo injustiças e garantindo-se a impunidade.

Destas pessoas, Jesus recomenda que nos afastemos, que tenhamos “cuidado” (cf. v. 38), que não as imitemos. Pelo contrário, com a sua palavra e o seu exemplo, como sabemos, ele ensina coisas muito diferentes sobre a autoridade. Fala dela em termos de abnegação e de serviço humilde (cf. *Mc* 10, 42-45), de ternura materna e paterna para com as pessoas (cf. *Lc* 11, 11-13), sobretudo as mais necessitadas (*Lc* 10, 25-37). Convida quem dela está investido a olhar para os outros, a partir da sua posição de poder, não para os humilhar, mas para os elevar, dando-lhes esperança e ajuda.

Assim, irmãos e irmãs, podemos interrogar-nos: como me comporto eu nas minhas áreas de responsabilidade? Procedo com humildade ou orgulho-me da minha posição? Sou generoso e respeitador das pessoas ou trato-as de forma rude e autoritária? E com os mais frágeis, estou ao lado deles, inclino-me para os ajudar a levantar-se?

A Virgem Maria nos ajude a lutar contra a tentação da hipocrisia em nós - Jesus diz-lhes “hipócritas”, a hipocrisia é uma grande tentação - e nos ajude a fazer o bem sem aparecer e com simplicidade.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 17 de novembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

No Evangelho da Liturgia de hoje, Jesus descreve uma grande tribulação: «o Sol escurecer-se-á e a Lua não dará a sua claridade» (Mc 13, 24). Perante este sofrimento, muitos poderiam pensar no fim do mundo, mas o Senhor aproveita a ocasião para nos oferecer uma chave de leitura diferente, dizendo: «O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não passarão» (Mc 13, 31).

Podemos deter-nos nesta expressão: *o que passa e o que permanece.*

Antes de mais, *o que passa.* Em algumas circunstâncias da nossa vida, quando atravessamos uma crise ou vivemos algum fracasso, bem como quando vemos à nossa volta a dor causada pelas guerras, pelas violências, pelas calamidades naturais, temos a sensação de que tudo caminhe para o fim e sentimos que até as coisas mais belas passam. Porém, as crises e os fracassos, ainda que dolorosos, são importantes, porque nos ensinam a dar a devida importância a cada coisa, a não apegar o nosso coração às realidades deste mundo, porque estas passarão: estão destinadas a ser passageiras.

Ao mesmo tempo, Jesus fala *do que permanece.* Tudo passa, mas as suas palavras não passarão: as palavras de Jesus permanecem eternamente. Assim, convida-nos a confiar no Evangelho, que contém uma promessa de salvação e de eternidade, e a deixar de viver sob a angústia da morte. Com efeito, enquanto tudo passa, Cristo permanece. Nele, em Cristo, encontraremos um dia as coisas e as pessoas que passaram e nos acompanharam na existência terrena. À luz desta promessa de ressurreição, cada realidade adquire um novo significado: tudo morre e também nós morreremos um dia, mas não perderemos nada do que construímos e amámos, porque a morte será o início de uma vida nova.

Irmãos e irmãs, mesmo nas tribulações, nas crises, nos fracassos, o Evangelho convida-nos a olhar a vida e a história sem medo de perder o que acaba, mas com alegria pelo que permanece. Não esqueçamos que Deus prepara para nós um futuro de vida e de alegria.

E então perguntemo-nos: estamos apegados às coisas da terra, que passam, que passam depressa, ou às palavras do Senhor, que permanecem e nos guiam para a eternidade? Façamo-nos esta pergunta, por favor. Ajudar-nos-á.

E rezemos à Virgem Santa, que se confiou totalmente à Palavra de Deus, para que Ela interceda por nós.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 24 de novembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje o Evangelho da liturgia (*Jo* 18, 33-37) apresenta-nos Jesus diante de Pôncio Pilatos: foi entregue ao procurador romano para ser condenado à morte. Entre os dois, porém - entre Jesus e Pilatos - inicia um breve diálogo. Através das perguntas de Pilatos e das respostas do Senhor, duas palavras em particular são transformadas, adquirindo um novo significado. Duas palavras: a palavra “*rei*” e a palavra “*mundo*”.

Num primeiro momento, Pilatos pergunta a Jesus: «*És tu o rei dos Judeus?*» (v. 33). Raciocinando como funcionário do império, quer perceber se o homem que tem diante de si constitui uma ameaça, e um rei para ele é a autoridade que governa todos os seus súbditos. Isso seria uma ameaça para ele, não é verdade? Jesus afirma ser rei, sim, mas de uma forma muito diferente! Jesus é rei porque é testemunha: é aquele que diz a verdade (cf. v. 37). O poder real de Jesus, o Verbo encarnado, reside na sua palavra verdadeira, na sua palavra eficaz, que transforma o mundo.

Mundo: eis o segundo momento. O “mundo” de Pôncio Pilatos é aquele em que o forte triunfa sobre o débil, o rico sobre o pobre, o violento sobre o manso, ou seja, um mundo que infelizmente conhecemos bem. Jesus é Rei, mas o seu reino não é daquele mundo, não é também deste mundo (v. 36). O mundo de Jesus é, de facto, o mundo novo, o mundo eterno, que Deus prepara para todos, dando a sua vida pela nossa salvação. É o reino dos céus, que Cristo traz à terra, derramando a graça e a verdade (cf. *Jo* 1, 17). O mundo, do qual Jesus é Rei, redime a criação arruinada pelo mal com a própria força do amor divino, Jesus salva a criação, porque Jesus liberta, Jesus perdoa, Jesus dá a paz e a justiça. “Mas isto é verdade, padre?” – “Sim”. Como está a tua alma? Há nela algo que a sobrecarrega? Alguma culpa antiga? Jesus perdoa sempre. Jesus nunca se cansa de perdoar. Este é

o Reino de Jesus. Se há algo de mau dentro de ti, pede perdão. E Ele perdoa sempre.

Irmãos e irmãs, Jesus fala a Pilatos de muito perto, mas este permanece distante dele, pois vive num mundo diferente. Pilatos não se abre à verdade, apesar de a ter diante de si. Manda crucificar Jesus e ordena que se escreva na cruz: «Rei dos Judeus» (*Jo 19, 19*), mas sem compreender o significado destas palavras. “Rei dos Judeus”, daquelas palavras. No entanto, Cristo veio ao mundo, a este mundo: quem é da verdade, ouve a sua voz (cf. *Jo 18, 37*). É a voz do Rei do universo, que nos salva.

Irmãos e irmãs, a escuta do Senhor infunde luz ao nosso coração e à nossa vida. Por isso, procuremos perguntar-nos - cada um de nós pergunte-se no seu coração -: posso dizer que Jesus é o meu “rei”? Ou tenho outros “reis” no meu coração? Em que sentido? A sua Palavra é o meu guia, a minha certeza? Vejo n’Ele o rosto misericordioso de Deus que perdoa sempre, que está à espera para nos conceder o perdão?

Rezemos juntos a Maria, serva do Senhor, enquanto aguardamos com esperança o Reino de Deus.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 1º de dezembro de 2024

Prezados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (Lc 21,25-28.34-36), primeiro domingo do Advento, fala-nos de perturbações cósmicas e de ansiedade e medo na humanidade. Neste contexto, Jesus dirige uma palavra de esperança aos seus discípulos: «cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças, porque a vossa libertação está próxima» (v. 28). A preocupação do Mestre é que os seus corações não se tornem pesados (cf. v. 34) e que aguardem com vigilância a vinda do Filho do homem.

O convite de Jesus é este: *erguer a cabeça ao alto e manter o coração leve e desperto.*

De facto, muitos contemporâneos de Jesus, perante os acontecimentos catastróficos que veem acontecer à sua volta - perseguições, conflitos, calamidades naturais - são tomados pela angústia e pensam que esteja para chegar o fim do mundo. Têm o coração sobrecarregado pelo medo. Jesus, porém, quer libertá-los das angústias atuais e das falsas convicções, mostrando-lhes como estar despertos no coração, como ler os acontecimentos a partir do projeto de Deus, que realiza a salvação mesmo nos acontecimentos mais dramáticos da história. Por isso, sugere-lhes que voltem o olhar para o Céu para compreender as coisas da terra: «cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças» (v. 28). É belo: «cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças».

Irmãos e irmãs, também para nós é importante a recomendação de Jesus: «que os vossos corações não se tornem pesados» (v. 34). Todos nós, em tantos momentos da vida, nos perguntamos: como ter um coração “leve”, um coração desperto, um coração livre? Um coração que não se deixa esmagar pela tristeza? E a tristeza é negativa, é negativa! Com efeito,

pode acontecer que as ansiedades, os medos e as aflições sobre a nossa vida pessoal ou pelo que se passa no mundo hoje, pesem sobre nós como pedras e nos atirem para o desânimo. Se as preocupações tornam pesado o coração e nos levam a fechar-nos em nós mesmos, Jesus, pelo contrário, convida-nos a levantar a cabeça, a confiar no seu amor que nos quer salvar e que se faz próximo em cada situação da nossa existência, pede-nos que Lhe demos espaço para redescobrir a esperança.

Perguntemo-nos então: o meu coração está sobrecarregado pelo medo, pelas preocupações, pelas ansiedades do futuro? Sei olhar os acontecimentos quotidianos e as vicissitudes da história com os olhos de Deus, na oração, com um horizonte mais amplo? Ou deixo-me dominar pelo desânimo? Que este tempo de Advento seja uma ocasião preciosa para erguer o nosso olhar para Ele, que alivia o coração e nos sustenta no caminho.

Invoquemos agora a Virgem Maria, que, mesmo nos momentos de provação, esteve pronta a acolher o projeto de Deus.

SOLENIIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 8 de dezembro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia e boa festa!

Hoje, na solenidade da Imaculada Conceição, o Evangelho narra um dos momentos mais importantes, mais belos, na história da humanidade: a Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38), quando o “sim” de Maria ao Arcanjo Gabriel permitiu a Encarnação do Filho de Deus, Jesus. É uma cena que suscita a maior maravilha e comoção, porque Deus, o Altíssimo, o Omnipotente, por meio do Anjo dialoga com uma jovem de Nazaré, pedindo a colaboração dela para o seu projeto de salvação. Se hoje tiverdes um pouco de tempo, procurai no Evangelho de São Lucas e lede esta cena. Garanto-vos que vos fará bem, muito bem!

Tal como na cena da criação de Adão, pintado por Miguel Ângelo na Capela Sistina, onde o dedo do Pai celeste toca o do homem; também aqui o humano e o divino se encontram, no início da nossa Redenção, encontram-se com uma delicadeza maravilhosa, no instante abençoado em que a Virgem Maria pronuncia o seu “sim”. Ela é uma mulher de uma pequena aldeia periférica e é chamada para sempre para centro da história: da sua resposta depende o futuro da humanidade, que pode de novo sorrir e esperar, porque o seu destino foi colocado em boas mãos. Será Ela a trazer o Salvador, concebido pelo Espírito Santo.

Portanto, Maria, como a saúda o Arcanjo Gabriel, é a «cheia de graça» (*Lc* 1,28), a Imaculada, inteiramente ao serviço da Palavra de Deus, sempre com o Senhor, a quem se confia completamente. Nela não há nada que resista à sua vontade, nada que se oponha à verdade e à caridade. Eis a sua

bem-aventurança, que todas as gerações cantarão. Alegremo-nos também nós porque a Imaculada nos deu Jesus, que é a nossa salvação!

Irmãos e irmãs, contemplando este mistério, podemos perguntar-nos: no nosso tempo, agitado por guerras e concentrado no esforço de possuir e dominar, onde ponho eu a minha esperança? Na força, no dinheiro, nos amigos poderosos? É ali que ponho a minha esperança? Ou na misericórdia infinita de Deus? E perante tantos falsos modelos brilhantes que circulam nos meios de comunicação social e na internet, onde procuro a minha felicidade? Onde está o tesouro do meu coração? Está no facto de que Deus me ama gratuitamente, que o seu amor me precede sempre e está pronto a perdoar-me quando volto arrependido para ele? Nessa esperança filial no amor de Deus? Ou iludo-me procurando fazer valer o meu eu e a minha vontade a todo o custo?

Irmãos e irmãs, ao aproximar-se a abertura da Porta Santa do Jubileu, abramos as portas do coração e da mente ao Senhor. Ele nasceu de Maria Imaculada: imploremos a intercessão de Maria. E dou-vos um conselho. Hoje é um belo dia para decidir fazer uma boa Confissão. Se não puderdes ir hoje, nesta semana, até ao próximo domingo, abri o vosso coração e o Senhor perdoa tudo, tudo, tudo. E assim, nas mãos de Maria, seremos mais felizes.

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO A AJÁCIO POR OCASIÃO DO CONGRESSO
“LA RELIGIOSITÉ POPULAIRE EN MÉDITERRANÉE”

**ORAÇÃO DO ÂNGELUS COM OS BISPOS, SACERDOTES, DIÁCONOS,
CONSAGRADOS E CONSAGRADAS E SEMINARISTAS**

DISCURSO DO SANTO PADRE

Catedral de Santa Maria Assunta - Ajaccio

Domingo, 15 de dezembro de 2024

*Queridos irmãos bispos,
Prezadas consagradas, estimados sacerdotes, diáconos, consagrados e
seminaristas!*

Encontro-me nesta linda terra apenas por um dia, mas desejei que houvesse pelo menos um breve momento para vos encontrar e saudar. Antes de mais, isto dá-me a oportunidade de vos dizer obrigado: obrigado porque estais aqui, com a vossa vida doada; obrigado pelo vosso trabalho, pelo empenho de cada dia; obrigado porque sois sinal do amor misericordioso de Deus e testemunhas do Evangelho. Fiquei muito contente quando pude cumprimentar um de vós: tem 95 anos de idade e 70 de sacerdócio! E isso significa levar por diante aquela linda vocação. Obrigado, irmão, pelo teu testemunho! Muito obrigado!

E do “obrigado” passo imediatamente à graça de Deus, que é o fundamento da fé cristã e de toda a forma de consagração na Igreja. No contexto europeu em que nos encontramos, não faltam problemas e desafios relacionados com a transmissão da fé, e todos os dias vós lidais com isso, descobrindo-vos pequenos e frágeis: não sois muito numerosos nem dispondes de meios poderosos, e os ambientes em que trabalhais nem sempre se revelam favoráveis ao acolhimento do anúncio do Evangelho. Por vezes, lembro-me de um filme, porque algumas pessoas estão dispostas a acolher o Evangelho, mas não o “porta-voz”. Aquele filme tinha esta frase: “*A música sim, mas o músico não*”. Pensem, a fidelidade à

transmissão do Evangelho. Isso ajudar-nos-á. Porém, esta pobreza sacerdotal, gostaria de o dizer, é uma bênção! Porquê? Despoja-nos da pretensão de fazer tudo sozinhos, ensina-nos a considerar a missão cristã como algo que não depende das forças humanas, mas sobretudo da ação do Senhor, que trabalha e age sempre com o pouco que lhe podemos oferecer.

Não nos esqueçamos disto: no centro está o Senhor. *No centro não estou eu, mas Deus.* Na minha terra, diante dum padre presunçoso que se coloca no centro, dizemos: este é um padre *yo, me, mí, conmigo, para mí.* Eu, me, mim, comigo, para mim. Não! É o Senhor que está no centro. E isto é algo que talvez de manhã, ao nascer do sol, cada pastor, cada consagrado deveria repetir na oração: também no dia de hoje e no desempenho do meu serviço, *no centro não estou eu, mas Deus, o Senhor.* E digo isto porque há um perigo no mundanismo, um perigo que é a vaidade. Ser “pavão”. Olhar demasiado para si próprio. A vaidade! E a vaidade é um vício feio e com mau cheiro. Ser um pavão.

Porém, o primado da graça divina não significa que podemos dormir descansados sem assumir as nossas responsabilidades. Pelo contrário, devemos pensar em nós mesmos como “cooperadores da graça de Deus” (cf. *1 Cor 3, 9*). E assim, caminhando com o Senhor, somos levados cada dia a uma pergunta essencial: como estou a viver o meu sacerdócio, a minha consagração, o meu discipulado? Sou próximo de Jesus?

Quando fazia visitas pastorais na minha outra diocese, encontrei alguns bons padres que trabalhavam muito, mesmo muito. “Diz-me, e tu como fazes à noite?” – “Estou cansado, como qualquer coisa e depois vou para a cama descansar um pouco, ver televisão” – “Mas não vais à capela cumprimentar o teu Chefe?” – “Não...” – “E tu, antes de dormir, rezas uma Ave Maria? Pelo menos, sê educado: passa pela capela e diz: ‘Olá, muito obrigado, até amanhã’. Não esqueçais o Senhor! O Senhor no princípio, a meio e no final do dia. É Ele o nosso Chefe. E é um Chefe que trabalha mais do que nós! Não vos esqueçais disto.

E façam-vos esta pergunta: como é que eu vivo o discipulado? Fixai-a no vosso coração e não a subestimeis, nem subestimeis a necessidade deste discernimento, deste olhar para dentro, para não sermos “moídos” pelos ritmos e atividades exteriores e para não perdermos a nossa consistência

interior. Da minha parte, gostaria de vos deixar um dúplice convite: *cuidai de vós mesmos e cuidai dos outros*.

O primeiro: *cuidai de vós mesmos*, porque a vida sacerdotal ou religiosa não é um “sim” que pronunciámos de uma vez para sempre. Com o Senhor, não se vive dos rendimentos adquiridos! Pelo contrário, todos os dias é preciso renovar a alegria do encontro com Ele, em cada momento é preciso escutar de novo a sua voz e tomar a decisão de O seguir, mesmo quando se cai. Levanta-te e olha para o Senhor: “Desculpa-me, ajuda-me a continuar”. Esta proximidade fraterna e filial.

Lembremo-nos disto: a nossa vida exprime-se na oferta de nós mesmos, mas quanto mais um sacerdote, uma religiosa, um religioso se entregam, se gastam e trabalham pelo Reino de Deus, tanto mais necessário se torna que cuidem também de si mesmos. Um padre, uma freira, um diácono que se descuida de si acabará por se descuidar também dos que lhe estão confiados. É por isso que precisamos de uma pequena “regra de vida” – os religiosos já a têm –, que inclua um encontro diário com a oração, a Eucaristia, o diálogo com o Senhor, cada um segundo a sua espiritualidade e o seu estilo. E gostaria ainda de acrescentar: guardar alguns momentos de solidão; ter um irmão ou uma irmã com quem podemos partilhar livremente o que trazemos no coração – em tempos, chamava-se diretor espiritual, diretora espiritual –; cultivar algo que nos apaixona, e não para passar o tempo livre, mas para descansar saudavelmente das canseiras do ministério. O ministério cansa! É preciso ter medo daquelas pessoas que estão sempre ativas, sempre no centro, que talvez por excesso de zelo nunca descansam, nunca tiram uma pausa para si mesmas. Irmãos, isto não é bom, são necessários espaços e momentos em que cada sacerdote e cada pessoa consagrada cuida de si. E não para fazer um *lifting* para parecer mais bonito, não, mas para conversar com o Amigo, com o Senhor e sobretudo com a Mãe – não deixeis Nossa Senhora, por favor – para falar da própria vida, de como vão as coisas. E para isso, tende sempre o confessor ou algum amigo que vos conheça bem e com quem possais conversar e fazer um bom discernimento.

E há uma outra coisa que faz parte deste cuidado: a fraternidade entre vós. Há que aprender a partilhar não só as canseiras e os desafios, mas

também a alegria e a amizade entre nós: o vosso Bispo diz uma coisa que me agrada muito, ou seja, que é fundamental passar do “Livro das Lamentações” ao “Livro do Cântico dos Cânticos”. Fazemo-lo pouco. Gostamos de lamentações! E se o pobre do bispo se esqueceu do solidéu naquela manhã: “Mas, olha o bispo...”. Pega-se em qualquer coisa para falar mal do bispo. É verdade, o bispo é um pecador como qualquer um de nós. Somos irmãos! Passar do “Livro das Lamentações” para o “Livro do Cântico dos Cânticos”. Isto é importante. Di-lo também um salmo: «Converteste o meu pranto em festa» (Sl 30, 12). Partilhemos entre nós a alegria de ser apóstolos e discípulos do Senhor! A alegria é para ser partilhada. Caso contrário, o lugar que a alegria deve ocupar é ocupado pelo vinagre. É mau encontrar um padre com um coração amargurado. Não é bonito. “Mas porque é que estás assim?” - “Oh, porque o bispo não gosta de mim... Porque nomearam bispo outro e não eu... Porque... Porque...”. As lamentações. Por favor, diante das lamentações e das invejas, parai um pouco. A inveja é um vício perigoso. Peçamos ao Senhor que transforme o nosso lamento em dança, que nos dê o sentido de humor, a simplicidade evangélica.

Segunda coisa: *cuidai dos outros*. A missão que cada um de vós recebeu tem sempre um único objetivo: levar Jesus aos outros, dar aos corações a consolação do Evangelho. Gosto de recordar aqui o momento em que o Apóstolo Paulo está prestes a regressar a Corinto e, escrevendo à comunidade, diz: «Quanto a mim, de bom grado darei o que tenho e dar-me-ei a mim mesmo totalmente, em vosso favor» (2 Cor 12, 15). Consumir-se pelas almas, consumir-se na oferta de si mesmo por aqueles que nos foram confiados. Vem-me à memória um jovem e santo padre que morreu de cancro há pouco tempo. Vivia num bairro de lata com as pessoas mais pobres. Costumava dizer: “Às vezes apetece-me fechar a janela com tijolos, porque as pessoas vêm a toda a hora e, se eu não venho à porta, batem à janela”. O padre com um coração aberto a todos, sem fazer distinções.

A escuta, a proximidade às pessoas, é também um convite a encontrar, no contexto atual, as vias pastorais mais eficazes para a evangelização. Não tendes medo de mudar, de rever velhos modelos, de renovar as linguagens da fé, aprendendo que a missão não é uma questão de estratégias humanas, é antes de tudo uma questão de fé. Cuidai dos outros: dos que aguardam a

Palavra de Jesus, dos que se afastaram d'Ele, dos que precisam de orientação ou consolação por causa do seu sofrimento. Tomar conta de todos, na formação e sobretudo no encontro. Ir ao encontro das pessoas, onde elas vivem e trabalham, é importante.

E depois, uma coisa que me é tão cara: por favor, perdoai sempre. Perdoai tudo. Perdoai tudo e sempre. Aos padres, digo que, no sacramento da Reconciliação, não façam demasiadas perguntas. Ouvi e perdoai. Um Cardeal – que é um pouco conservador, um pouco quadrado, mas que é um grande padre – dizia numa conferência aos sacerdotes: “Se alguém [na Confissão] começa a gaguejar porque tem vergonha, eu digo-lhe: está bem, compreendi, pode passar a outra coisa. Na realidade, não compreendi nada, mas Ele [o Senhor] compreendeu”. Por favor, não se torturem as pessoas no confessional: onde, como, quando, com quem... Perdoar sempre, sempre! Há um grande frade capuchinho em Buenos Aires, que eu nomeei cardeal aos 96 anos. Tem sempre uma longa fila de pessoas, porque é um bom confessor. Também eu costumava ir ter com ele. Este confessor disse-me um dia: “Ouve, às vezes fico com escrúpulos por perdoar demasiado” – “E o que fazes? – “Vou rezar e digo: Senhor, desculpa-me, perdoei demasiado. Mas logo a seguir digo: Mas foste Tu que me deste o mau exemplo!”. Perdoar sempre. Perdoar tudo. E isto digo-o também às religiosas e aos religiosos: perdoar, esquecer, quando nos fazem mal, as lutas ambiciosas da comunidade... Perdoar. O Senhor deu-nos o exemplo: perdoar tudo e sempre! A todos, todos, todos. E faço-vos uma confidência: já tenho 55 anos de sacerdócio, fi-los anteontem, e nunca neguei a absolvição. E gosto muito de confessar. Sempre procurei o modo de perdoar. Não sei se é bom, se o Senhor me vai dar.... Mas este é o meu testemunho.

Queridas irmãs e queridos irmãos, agradeço-vos do fundo do coração e desejo-vos um ministério cheio de esperança e alegria. Mesmo nos momentos de cansaço e desânimo, não vos deixeis abater. Voltai o vosso coração para o Senhor. Não vos esqueçais de chorar diante do Senhor! Ele manifesta-se e deixa-se encontrar na medida em que cuidardes de vós mesmos e dos outros. Deste modo, Ele oferece a consolação àqueles que chamou e enviou. Segui em frente com coragem: encher-vos-á de alegria!

Dirigimo-nos agora em oração à Virgem Maria. Nesta Catedral, dedicada à sua Assunção ao Céu, o povo fiel venera-a como Padroeira e Mãe da Misericórdia, a “Madunnuccia”. Desta ilha do Mediterrâneo, elevamos-lhe a súplica pela paz: paz para todas as terras banhadas por este mar, especialmente para a Terra Santa onde Maria deu à luz Jesus. Paz para a Palestina, para Israel, para o Líbano, para a Síria, para todo o Médio Oriente! Paz para o martirizado Mianmar. Que a Santa Mãe de Deus alcance a tão desejada paz para o povo ucraniano e para o povo russo. São irmãos – “Não, padre, são primos!” – São primos, irmãos, não sei, mas que se entendam! A Paz! Irmãos, irmãs, a guerra é sempre uma derrota. Também a guerra nas comunidades religiosas, a guerra nas paróquias é sempre uma derrota, sempre! Que o Senhor nos dê a todos a paz.

E rezemos pelas vítimas do ciclone que atingiu o arquipélago de Maiote nas últimas horas. Estou espiritualmente próximo de todos aqueles que foram atingidos por esta tragédia.

E agora, todos juntos, rezemos o Angelus.

Angelus Domini...

ANGELUS

Domus Sanctae Marthae

Domingo, 22 de dezembro de 2024

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Lamento não estar convosco na Praça, mas estou a melhorar e é preciso tomar precauções.

Hoje o Evangelho apresenta-nos Maria que, depois do anúncio do Anjo, visita Isabel, sua parenta idosa (cf. *Lc 1, 39-45*), que também está à espera de um filho. Trata-se, portanto, do encontro de duas mulheres que se alegram com o dom extraordinário da maternidade: Maria acaba de conceber Jesus, o Salvador do mundo (cf. *Lc 1, 31-35*), e Isabel, apesar da sua idade avançada, traz no seu seio João, que preparará o caminho antes do Messias (cf. *Lc 1, 13-17*).

Ambas têm muitos motivos para se alegrar, e talvez possamos senti-las distantes, protagonistas de milagres tão grandes, que normalmente não acontecem na nossa experiência. Mas a mensagem que o evangelista nos quer transmitir, a poucos dias do Natal, é diferente. De facto, contemplar os sinais prodigiosos da ação salvífica de Deus nunca nos deve fazer sentir distantes d'Ele, mas antes ajudar-nos a reconhecer a sua presença e o seu amor próximo de nós, por exemplo no dom de cada vida, de cada criança e da sua mãe. O dom da vida. Li, no programa “À sua imagem”, uma coisa bonita que estava escrita: *Nenhuma criança é um erro*. O dom da vida.

Hoje, na Praça, haverá também mães com os seus filhos, e talvez haja também algumas que estejam “à espera de bebé”. Por favor, não fiquemos indiferentes à sua presença, aprendamos a maravilhar-nos com a sua beleza, como fizeram Isabel e Maria, essa beleza das mulheres grávidas. Abençoemos as mães e louvemos a Deus pelo milagre da vida! Gosto - gostava, porque agora não posso - quando ia de autocarro na outra diocese, de ver que, quando uma mulher grávida entrava no autocarro, lhe davam

imediatamente um lugar para se sentar: é um gesto de esperança e de respeito!

Irmãos e irmãs, nestes dias gostamos de criar um ambiente festivo com luzes, decorações e músicas de Natal. Lembremo-nos, no entanto, de exprimir sentimentos de alegria sempre que encontrarmos uma mãe com o seu filho nos braços ou no seio. E quando isso nos acontecer, rezemos no nosso coração e digamos também, como Isabel: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!» (*Lc 1, 42*); cantemos como Maria: «A minha alma glorifica o Senhor» (*Lc 1, 46*), para que toda a maternidade seja abençoada e, em cada mãe do mundo, seja louvado e exaltado o nome de Deus, que confia aos homens e às mulheres o poder de dar a vida aos filhos.

Daqui a pouco abençoaremos os “Meninos” - eu trouxe o meu: este foi-me oferecido pelo Arcebispo de Santa Fé, foi feito pelos aborígenes equatorianos - os “Meninos” que trouxestes. Podemos então perguntar-nos: agradeço ao Senhor porque se fez homem como nós, para participar em tudo, exceto no pecado, na nossa existência? Louvo o Senhor e bendigo-o por cada criança que nasce? Quando me cruzo com uma mãe grávida, sou bondoso? Mantenho e defendo o valor sagrado da vida dos pequeninos desde a sua conceção no ventre materno?

Que Maria, a Bendita entre todas as mulheres, nos permita sentir admiração e gratidão perante o mistério da vida que nasce.

FESTA DE SANTO ESTÊVÃO PROTOMÁRTIR

ANGELUS

Praça São Pedro

Quinta-feira, 26 de novembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, boa festa! Feliz festa para todos.

Hoje, imediatamente a seguir ao Natal, a liturgia celebra Santo Estêvão, o primeiro mártir. A narração do seu apedrejamento encontra-se nos Atos dos Apóstolos (cf. 6, 8-12; 7, 54-60) e no-lo apresenta enquanto, moribundo, reza pelos seus assassinos. E isto faz-nos refletir: de facto, mesmo se à primeira vista Estêvão parece sofrer impotente a violência, na realidade, como homem verdadeiramente livre, continua a amar até os seus assassinos e a oferecer a sua vida por eles, como Jesus (cf. *Jo* 10, 17-18; *Lc* 23, 34); oferece a sua vida para que eles se arrependam e, perdoados, recebam o dom da vida eterna.

Deste modo, o diácono Estêvão apresenta-se-nos como testemunha daquele Deus que tem um único e grande desejo: «que todos os homens sejam salvos» (*1 Tm* 2, 4) - é este o desejo do coração de Deus - que ninguém se perca (cf. *Jo* 6, 39; 17, 1-26). Estêvão é testemunha daquele Pai - o nosso Pai - que quer o bem e só o bem para cada um dos seus filhos, e sempre; o Pai que não exclui ninguém, o Pai que nunca se cansa de os procurar (cf. *Lc* 15, 3-7) e de os acolher quando, depois de se terem afastado, voltam a Ele arrependidos (cf. *Lc* 15, 11-32), e o Pai que não se cansa de perdoar. Lembrai-vos disto: Deus perdoa sempre e Deus perdoa tudo.

Voltemos a Estêvão. Infelizmente, ainda hoje, em várias partes do mundo, há muitos homens e mulheres perseguidos, por vezes até à morte, por causa do Evangelho. O que dissemos de Estêvão aplica-se também a eles. Não se deixam matar por fraqueza, nem para defender uma ideologia,

mas para fazer com que todos participem do dom da salvação. E fazem-no sobretudo para o bem dos seus assassinos... e rezam por eles.

O Beato Christian de Chergé deixou-nos um lindo exemplo disto, ao chamar ao seu assassino um “amigo do último minuto”.

Perguntemo-nos então, cada um de nós: sinto o desejo de que todos conheçam Deus e todos se salvem? Desejo também o bem daqueles que me fazem sofrer? Preocupo-me e rezo por tantos irmãos e irmãs perseguidos por causa da fé?

Maria, Rainha dos Mártires, nos ajude a ser testemunhas corajosas do Evangelho para a salvação do mundo

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 29 de dezembro de 2024

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje celebramos a Sagrada Família de Nazaré. O Evangelho narra que Jesus, quando tinha doze anos, no final da peregrinação anual a Jerusalém, se perdeu de Maria e José, que o encontraram depois no Templo a debater com os doutores (cf. *Lc 2, 41-52*). O evangelista Lucas revela o estado de espírito de Maria, que pergunta a Jesus: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à Tua procura» (v. 48). E Jesus responde-lhe: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar na casa de Meu Pai?» (v. 49).

É uma experiência quase habitual de uma família que alterna momentos tranquilos com outros dramáticos. Parece a história de uma crise familiar, uma crise dos nossos dias, de um adolescente difícil e dois pais que não conseguem entendê-lo. Detenhamo-nos a olhar para esta família. Sabeis porque a Família de Nazaré é um modelo? Porque é uma família que dialoga, que se ouve, que fala. O diálogo é um elemento importante para uma família! Uma família que não comunica não pode ser uma família feliz.

É belo quando uma mãe não começa com uma repreensão, mas com uma pergunta. Maria não acusa e não julga, mas procura entender como acolher este Filho tão diferente, através da escuta. Apesar deste esforço, o Evangelho diz que Maria e José «não compreenderam as palavras que lhes disse» (v. 50), mostrando que na família é mais importante ouvir do que entender. Ouvir é dar importância ao outro, reconhecer o seu direito de existir e pensar autonomamente. Os filhos precisam disto. Pensai bem, vós pais, ouvi os filhos, precisam disso!

Um momento privilegiado de diálogo e de escuta em família é o das refeições. É bom estar juntos à mesa e conversar. Isto pode resolver tantos problemas e, acima de tudo, une as gerações: filhos que conversam com os pais, netos que conversam com os avós... Nunca ficar fechados em si mesmos ou, pior ainda, com a cabeça no telemóvel. Isto não é bom... nunca, nunca é bom. Conversar, ouvir-se, este é o diálogo que faz bem e que faz crescer!

A família de Jesus, Maria e José é *santa*. No entanto, vimos que até mesmo os pais de Jesus nem sempre compreendiam. Podemos refletir sobre isto, e não nos surpreendamos se, às vezes, em família, não nos entendemos. Quando nos acontece, perguntemo-nos: ouvimo-nos uns aos outros? Afrontamos os problemas ouvindo-nos reciprocamente ou fechamo-nos no mutismo, por vezes no ressentimento, no orgulho? Dedicamos um pouco de tempo para dialogar? O que podemos aprender hoje com a Sagrada Família é a escuta recíproca.

Confiemo-nos à Virgem Maria e peçamos o dom da escuta para nossas famílias.